

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura

Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Karoline Guimarães Castro Ferreira

**SIGNIFICAR PARA CONQUISTAR:
DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Rio de Janeiro
2022



Karoline Guimarães Castro Ferreira

**SIGNIFICAR PARA CONQUISTAR:
DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Orientador: Professor Dr. Jorge Luiz Marques de Moraes.

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

F383 Ferreira, Karoline Guimarães Castro

Significar para conquistar: desafios da alfabetização de jovens e adultos / Karoline Guimarães Castro Ferreira. - Rio de Janeiro, 2023.

105 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Jorge Luiz Marques de Moraes.

1. Educação de jovens e adultos (EJA). 2. Alfabetização de adultos. 3. Formação docente. 4. Recursos didáticos. I. Moraes, Jorge Luiz Marques de. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 374

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Karoline Guimarães Castro Ferreira

SIGNIFICAR PARA CONQUISTAR:
DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jorge Luiz Marques de Moraes (Orientador)
MPPEB/ CPII

Profa Dra Márcia Tereza Fonseca Almeida
MPEJA/ UNEB

Profa Dra Simone da Cruz Chaves
MPPEB/ CPII

Rio de Janeiro
2022

Dedico este trabalho:

Aos meus filhos Luiz Felipe, Sophia e Yasmin
A todos os professores alfabetizadores da EJA do Brasil
Aos meus alunos da Educação de Jovens e Adultos, pois desde
o princípio foi por eles e para eles.

AGRADECIMENTOS

Iniciar um Mestrado Profissional concomitantemente à pandemia, foi um momento assustador e ao mesmo tempo desafiador. Diante disso, não poderia deixar de passar aqui para agradecer, primeiramente, a Deus por conseguir finalizar esse curso.

A família nos fortalece e nos ampara nos momentos difíceis. Para cada ensaio de desistência fui amparada por um deles dizendo com a voz suave: forças! Vai dar tudo certo! Ao Jonath, colaborador tecnológico que esteve ao meu lado dando suporte durante todo esse processo acadêmico, meu muito obrigada!

Ao Luiz Felipe, Yasmin e Sophia, meus filhos lindos e amados, agradeço por respeitarem meus momentos de estudos, fazendo silêncio durante as aulas on-line, reunião de orientação e apresentação de trabalhos. Por perderem muitos momentos de lazer em família para que eu pudesse me dedicar a esse trabalho. Amo vocês para sempre!

Aos meus pais, Edervaldo e Omara por me encorajarem nos momentos de fraqueza.

Ao meu orientador, professor doutor Jorge Luiz Marques de Moraes pela dedicação, clareza nas informações e objetividade nas respostas. Receba toda a minha admiração!

Aos Professores do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, do Colégio Pedro II, turma 2020. Agradeço pela trajetória repleta de aprendizado! A todos, meu carinho e respeito!

Minha sincera gratidão à banca de qualificação: Prof^a Dr^a Márcia Tereza Fonseca de Almeida e a Prof^a. Dr^a Simone da Cruz Chaves. As contribuições de ambas foram primordiais para o desenvolvimento desse trabalho. Muito obrigada!

A toda a minha “Panturminha”: Alessandra, Alexandro, Alisson, Ana Cláudia, Ana Letícia, Andrea, Anna Paula, Aparecida, Carla, Catarina, Cíntia, Daniela, Elaine, Liliane, Luciana, Maíra, Marianne, Marineuza, Michela, Milena, Robson e Telma. “Ainda bem que a gente tem a gente”.

A Mônica Ferreira, Aparecida Mainetti, Marianne Magalhães e Luciana Pantoja por todo carinho a mim dedicado. Levarei vocês para sempre em meu coração.

Ao Thiago Freitas, ser humano raro enviado por Deus para me ajudar com a recuperação dos dados da pesquisa e na organização tecnológica do Produto Educacional. Gratidão eterna!!

Sergipe, Nordeste do Brasil: Paulo Freire começa uma nova jornada de trabalho com um grupo de camponeses muito pobres, que estão se alfabetizando.

- Como vai, João?

João se cala. Amassa o chapéu. Longo silêncio, e finalmente ele diz:

-Não consegui dormir. A noite inteira sem fechar os olhos.

Mais palavras não saem da sua boca, até que ele murmura:

- Ontem, eu escrevi meu nome pela primeira vez.

(Eduardo Galeano, "Os filhos dos dias", L&PM Editores, 2. ed., p.288)

RESUMO

FERREIRA, Karoline Guimarães Castro. **Significar para conquistar: Desafios na Alfabetização de Jovens e Adultos**. 101f. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2022.

A presente pesquisa está inserida na temática da Alfabetização de Jovens e Adultos e trabalha com o seguinte problema: é possível elaborar materiais didáticos para alfabetizar jovens e adultos a partir da abordagem sociocultural? O material existente hoje nas turmas de alfabetização da EJA nas escolas públicas do município de São Gonçalo (Rio de Janeiro) é incompatível com a faixa etária dos alunos. A fim de responder essa questão, traçou-se como objetivo geral identificar como os recursos didáticos construídos a partir de uma abordagem sociocultural podem contribuir com o processo de alfabetização de Jovens e Adultos e, como objetivos específicos, apresentar o contexto histórico da EJA no Brasil, listar as principais dificuldades encontradas por esse alunado, apoiar os professores alfabetizadores na construção coletiva de uma sequência didática e refletir sobre estratégias metodológicas direcionadas ao público alvo dessa pesquisa. Este estudo se justifica pela dificuldade enfrentada pelos estudantes do grupo 1 fase 1 (turma de alfabetização) na aquisição da leitura e escrita e pelo alto índice de analfabetismo analisado pelo PNAD Contínua de 2017, contabilizando um total de 11,5 milhões de brasileiros acima de 15 anos. O estudo parte das premissas de Paulo Freire (1974), Ana Teberosky (1986), Roxane Rojo (2012), Vygotsky (1998) e das concepções de Magda Soares (2017), que compreendem os atos de ensinar a ler e a escrever respeitando o conceito de conhecimento de mundo dos discentes. A metodologia escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa-ação com abordagem qualitativa e quantitativa. Os instrumentos para coleta de dados foram um questionário semiestruturado, respondido pelos professores participantes do Curso de Extensão e uma roda de conversa realizada também com os cursistas. Este trabalho contará com a participação ativa de aproximadamente 40 docentes da EJA inscritos no Curso de Extensão. O Produto Educacional a ser construído será um Caderno Pedagógico elaborado por Professores inscritos no Curso de Extensão para professores da EJA organizado com o apoio do Colégio Pedro II em formato híbrido, ou seja, com aulas síncronas e assíncronas. Após o tratamento dos dados obtidos na pesquisa, espera-se que os docentes reflitam sobre suas práticas pedagógicas e ampliem seus acervos de recursos didáticos, promovendo a melhoria do ensino em todos os anos de escolaridade da Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Alfabetização; EJA; Recursos didáticos; Abordagem sociocultural; Formação de professores.

ABSTRACT

FERREIRA, Karoline Guimarães Castro. **Significar para conquistar: Desafios na Alfabetização de Jovens e Adultos**. 101f. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2022.

This research is inserted in the theme of Youth and Adult Literacy and works with the following problem: How can teaching resources built from the sociocultural approach contribute to the youth and adult literacy process? The teaching material available today in EJA literacy classes in public schools in the city of São Gonçalo is incompatible with the age group of the students. In order to answer this question, the general objective was to identify how teaching resources built from a sociocultural approach can contribute to the literacy process of Youth and Adults and, as specific objectives, to present the historical context of EJA in Brazil, list the main difficulties encountered by these students, support literacy teachers in the collective construction of a didactic sequence and reflect on the strategies aimed at the target audience of this research. This study is justified by the difficulty faced by students in group 1 phase 1 (literacy class) in acquiring reading and writing and by the high illiteracy rate analyzed by the 2017 PNAD Continuous, accounting for a total of 11.5 million Brazilians above 15 years. The study starts from the premises of Paulo Freire (1974), Ana Teberosky and Emília Ferreiro (1999) Roxane Rojo (2012), Lev Semenovich Vygotsky (1998) and the conceptions of Magda Soares (2017), which comprise the act of learning to read and write within the word decoding, context in which the student is inserted. In this way, the literacy student discovers himself as the subject of the entire historical process. The methodologies chosen for the development of this work were action research with a qualitative and quantitative approach. The instruments for data collection will be the application of a semi-structured questionnaire answered by the teachers participating in the Extension Course and conversation circle carried out through course. This work will have the active participation of approximately 40 EJA teachers enrolled in the Extension Course. The Educational product to be built will be an Extension Course for EJA teachers organized with the support of Colégio Pedro II in a hybrid format, that is, with synchronous and asynchronous classes. After processing the data obtained in the research, it is expected that teachers reflect on their pedagogical practices and expand their collections of teaching resources promoting the improvement of teaching in all years of schooling in Youth and Adult Education.

Keywords: Literacy; EJA; Didactic Resources; Sociocultural approach; Teachers.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	11
2- DESENVOLVIMENTO.....	18
2.1 Contexto Histórico da EJA no Brasil.....	18
2.1.1 A perspectiva freireana para a Educação.....	20
2.2 Alfabetização	23
2.3 Letramentos.....	28
2.4 Psicogênese da Língua Escrita.....	31
2.5 Dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA.....	36
2.6 Professores alfabetizadores e a construção de um material didático sociointeracionista.....	39
3- METODOLOGIA.....	41
3.1 Instrumentos de coleta de dados.....	43
3.2 Descrição das etapas da pesquisa.....	45
4- APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	46
4.1 Etapas de construção.....	56
4.2 Construindo o Caderno Pedagógico.....	57
5- ANÁLISE E RESULTADOS AVALIATIVOS DA APLICAÇÃO.....	62
5.1 Análise Quantitativa.....	64
5.2 Análise Qualitativa.....	73
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE A Questionário para o participante.....	84
APÊNDICE B Roda de conversa.....	87
APÊNDICE C Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....	88
APÊNDICE D Termo de Confidencialidade	91
APÊNDICE E Carta de Apresentação.....	92
APÊNDICE F Modelos de atividades.....	93
APÊNDICE G Lista de Siglas.....	104
ANEXO A Parecer das Plataforma Brasil.....	105

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido na temática da Alfabetização de Jovens e Adultos, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96). O artigo 37 dessa lei diz que a EJA é uma modalidade de ensino ofertada para jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de concluir os diferentes níveis da Educação Básica na idade regular. Os sistemas de ensino devem assegurar gratuitamente Educação para esta clientela, considerando suas características, seus interesses e suas condições de vida, mediante cursos e exames, cabendo ao Poder Público viabilizar e estimular o acesso e a permanência do trabalhador na escola.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96), no Título III, artigo 4, o dever do Estado com a Educação pública será efetivado mediante a garantia de ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso na idade própria. A modalidade de Educação de Jovens e Adultos sofre ameaça constante com o fechamento de classes em algumas escolas públicas do Rio de Janeiro. Isso vai de encontro à Lei Nacional de Educação, pois esta garante a permanência dos estudantes que não conseguiram estudar na idade própria. Sendo assim, as unidades escolares precisam refletir sobre a clientela da EJA e suas particularidades, porque esta merece um olhar diferenciado: trata-se de um grupo possuidor de vasto conhecimento de mundo e uma vida marcada, muitas vezes, por grandes dificuldades. Logo, a troca entre os professores deve ocorrer de modo a resgatar essas vivências e esses saberes diversos, garantindo a aprendizagem mútua e significativa para esses estudantes.

Esta pesquisa busca compreender de que forma os recursos didáticos construídos a partir da abordagem sociocultural podem contribuir para o processo de alfabetização de Jovens e Adultos. O material didático existente hoje no município de São Gonçalo (Rio de Janeiro) não contribui para a aprendizagem significativa dos alunos no grupo 1 fase 1 (turma de alfabetização). Os recursos utilizados nessa modalidade acabam não contemplando os alunos da EJA, pois são materiais reaproveitados das turmas de alfabetização do Ensino Regular, que atendem alunos com idade entre 6 e 9 anos: folhas com desenhos de doces, histórias descontextualizadas, desenhos de animais decorados com florezinhas. Os alunos da EJA acabam sofrendo um processo de infantilização diante do aproveitamento desse material e ficam desestimulados com a falta de um planejamento pensado para esta modalidade de ensino. Portanto, urge a confecção de novos materiais, além de uma abordagem metodológica voltada

exclusivamente para este público. Algumas dessas atividades utilizadas pela turma 106, do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas, situado no bairro Jardim Catarina, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, encontram-se no apêndice deste trabalho, corroborando a observação da pesquisadora no campo de estudo. A Prefeitura de São Gonçalo não fornece apostilas e/ou livros didáticos para as turmas da EJA e assim, os(as) professores(as) regentes ficam responsáveis pelo planejamento e elaboração do seu próprio material.

Iniciei minha jornada profissional em 2001, como professora de Língua Inglesa em uma pequena escola no município de São Gonçalo. Eu havia estudado nesse estabelecimento e, após terminar o curso de Inglês, com quinze anos, fui convidada para atuar na Educação Infantil e no primeiro ano do Ensino Fundamental. Em 2004, passei a ter a minha carteira de trabalho assinada por escolas maiores e os desafios da profissão passaram a chamar a minha atenção. Eu tinha apenas o curso de Inglês, toda a parte pedagógica eu aprendi com pessoas próximas que estiveram ao meu lado nesse início. Em 2005 fui aprovada no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e passei a cursar a modalidade Português e Literaturas. Como eu dava aula de Inglês em escolas conhecidas em São Gonçalo, a cobrança pelo meu diploma universitário ficou maior. Entretanto, os longos períodos de greve da UERJ dificultaram a conclusão do curso dentro do prazo considerado normal em cada semestre, impossibilitando a agilidade com a documentação. Concomitante à UERJ, iniciei Português/ Inglês na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), localizada na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Depois de alguns anos, fui aprovada em dois concursos públicos, um para a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e outro para a Prefeitura Municipal de São Gonçalo, empregos nos quais eu me encontro até hoje. Trabalhar na educação pública tem sido um desafio e um grande prazer.

Sou Professora da EJA desde 2013. Tive o privilégio de iniciar minha trajetória profissional na Escola Municipal Orlando Vilas Boas, localizado no bairro Cidade Nova, capital do Rio de Janeiro. Essa escola pertence à 1ª Coordenadoria Municipal de Educação (1ª CRE). Possui turmas da EJA nos turnos da manhã e da noite. Após esse meu primeiro contato com a EJA fui lecionar no CIEP Avenida dos Desfiles, escola que compõe o quadro da 1ª Coordenadoria Regional de Educação, localizada dentro do Sambódromo, importante ponto turístico do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que, embora as aulas ocorram dentro do espaço do samba, os alunos não têm acesso aos shows ou ensaios técnicos no decorrer do ano. A Prefeitura desmonta praticamente as escolas que ficam ali para atender as exigências do Carnaval. Infelizmente discentes e docentes são prejudicados, pois durante o período pré e pós carnaval,

todos os que precisam dessas escolas ficam “emprestados” em outras Unidades Escolares Municipais e possuem o horário escolar reduzido, já que as instituições que acolhem esse grande grupo precisam dar conta dos seus alunos e das demandas cotidianas.

Em 2015, conheci a Escola Especial Francisco de Castro que passara a oferecer a EJA como uma nova modalidade em 2013, no primeiro e no segundo turnos. A escola precisou se adaptar, pois até 2013 abrigava classes especiais e sala de recursos. Os alunos da classe especial só saem da turma após o seu falecimento ou desistência da família, que precisa ir à escola e assinar um documento desistindo da vaga. Assim outro aluno pode ser matriculado na vaga existente. Infelizmente, a criação da EJA na Escola Especial serviu para remanejar os alunos que possuem sua parte cognitiva preservada. Assim, a Prefeitura reduz gastos com os alunos especiais, pois na EJA eles possuem conceitos e são avaliados semestralmente, garantindo a terminalidade dos estudos. Esses alunos com necessidades especiais, após completarem quinze anos, saem do ensino regular e são remanejados na EJA, seguem seus estudos até o nono ano do Ensino Fundamental e, posteriormente, são matriculados em uma escola do Ensino Médio garantida pelo Estado.

A Escola Especial Municipal Francisco de Castro localiza-se no bairro do Maracanã, cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro. A escola pertence à 2ª Coordenadoria Regional de Educação. A Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro possui 1543 unidades de Ensino e 669.504 alunos são atendidos na rede municipal desde o berçário (creche) até o 9º ano do Ensino Fundamental, de acordo com os dados retirados do *site* da prefeitura no dia 7 de fevereiro de 2022.

Diante desse grande número de alunos e de escolas, a prefeitura é organizada em Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). Temos onze CREs espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro. Cada uma contempla um grupo de bairros divididos de acordo com a sua localização. A primeira CRE corresponde aos bairros Gamboa, Cidade Nova, Mangueira, Morro dos Telégrafos, Vasco da Gama, Santa Teresa, Morro dos Prazeres, Bairro de Fátima, Rio Comprido, Turano, Saúde, Caju, Paquetá, Centro, Catumbi, Praça Mauá, Benfica, Santo Cristo, São Cristóvão, Tuiuti, Estácio e Praça Onze. Vale ressaltar que o bairro Ilha do Governador é tão populoso e extenso que possui a 11ª CRE somente para atender seus moradores.

Os professores prestam concurso escolhendo a CRE desejada e, ao longo da sua trajetória, podem mudar de escola dentro da mesma Coordenadoria com mais facilidade. Se quiser mudar para outra CRE, o profissional precisa de uma liberação do Coordenador geral e

da direção da Unidade Escolar. Essa medida burocrática tem por objetivo controlar a movimentação dos profissionais dentro das suas coordenadorias, evitando o esvaziamento em lugares mais distantes e com menos recursos. A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro é a maior do estado em relação à quantidade de unidades escolares, alunos e funcionários.

A Educação de Jovens e Adultos é organizada em blocos, nos quais o PEJA 1 bloco 1 equivale as turmas de alfabetização turma 171 ou 172, PEJA 1 bloco 2 equivale ao 3º, 4º e 5º anos, turma 191 ou 192, PEJA 2 blocos 1 corresponde às turmas de 6º e 7º anos, 151 e PEJA 2 blocos 2 corresponde as turmas de 8º e 9º anos. Cada Prefeitura organiza a EJA de uma forma. O que quase todas têm em comum é que o mesmo professor fica com até três turmas do Ensino Fundamental, fazendo valer a otimização das turmas em virtude do baixo número de alunos nas séries iniciais. Isso dificulta o trabalho do profissional, que precisa planejar aulas para grupos heterogêneos.

Durante minha trajetória profissional, pude observar que esta modalidade vem sendo esquecida por parte dos governantes e pela equipe gestora de algumas escolas. Em 2019, no Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas, as turmas passaram por um processo de otimização, ou seja, a Secretaria de Educação determinou a junção das fases 1, 2 e 3 do grupo 1, hoje atual turma 106 e fase 1 e 2 do grupo 2(turma 505). Logo, tínhamos apenas dois professores atuando nesta turma, acomodando alunos de 5 séries diferentes. No início desse ano, as turmas do primeiro segmento foram extintas. O argumento usado pela equipe gestora foi que não havia um número de alunos suficientes para manter as turmas e os professores. Hoje temos apenas 6º, 7º, 8º e 9º ano, sendo uma turma de cada série. O discurso utilizado para a otimização das turmas foi pautado na redução do quantitativo de alunos em sala. Cada turma deveria ter 32 alunos em sala, frequentando regularmente, para continuar o funcionamento de uma turma por série. A Secretaria de Educação permitiu cinquenta por cento desse total. Caso a escola não alcançasse esse quantitativo de alunos com matrículas ativas, as turmas seriam otimizadas. Essa atitude prejudicou muito os alunos e os professores, pois os alunos ficaram desmotivados com a junção de várias fases, deixando-os sobrecarregados.

Paulo Freire (1967) trabalhava com uma metodologia voltada para a Educação Popular. O método utilizado para alfabetizar adultos era baseado em três etapas muito importantes para o processo de aquisição de leitura e escrita. Essas etapas foram denominadas de investigação, tematização e problematização. Através dessa abordagem ele iniciava a aula com “palavras geradoras”, ou seja, palavras do universo do aluno, contextualizada de acordo com a realidade

de vida desses discentes. Logo, se o grupo era envolvido com obras, construções de casas, ele iniciava a aula falando sobre “TIJOLO”, “CIMENTO”. A partir dessa palavra inicial a aula era conduzida e outras palavras surgiam, ampliando o vocabulário do aluno. Freire conseguiu alfabetizar muitos alunos em um curto período, pois os alunos viam sentido em suas aulas e passavam a significar o mundo através da decodificação de palavras. A partir daí o universo letrado se abria para as classes populares e o empenho para buscar novas palavras e se inserir no mundo letrado crescia. Freire alfabetizou trezentos trabalhadores rurais em 40 horas.

Os referenciais de suporte metodológico para esta pesquisa serão respaldados à luz de Antônio Carlos Gil (2010) e Michel Thiollent (1985), no que tange ao tipo de pesquisa, neste trabalho, realizamos uma pesquisa-ação. Como referencial teórico foram utilizados os estudos de Paulo Freire (1974), com o seu método voltado para as classes populares trabalhando com as palavras geradoras, Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1999), com seus estudos sobre a Psicogênese da Língua escrita, Magda Soares (2017), com seus estudos sobre ambiente alfabetizador e a importância de selecionar textos relacionados ao contexto de jovens e adultos, Roxane Rojo (2012), que ressalta a importância do diálogo multicultural para ampliar o repertório linguístico dos estudantes e Vygotsky (1998), pelas contribuições da abordagem sociocultural, no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, definimos como objetivo geral, analisar de que forma os recursos didáticos construídos a partir da abordagem sociocultural podem contribuir para o processo de alfabetização de Jovens e Adultos. Com o intuito de situar o leitor foram definidos os seguintes objetivos específicos: apresentar o contexto histórico da EJA no Brasil, investigar as principais dificuldades encontradas pelo alunado da EJA e refletir sobre estratégias metodológicas utilizadas pelos professores da EJA.

Este trabalho se justifica pela dificuldade observada junto aos alunos do grupo 1 fase 1 (turma de alfabetização) do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas. Essa escola situa-se no bairro de Jardim Catarina (São Gonçalo/ Rio de Janeiro). A professora pesquisadora é regente na turma de alfabetização da EJA desde 2013, o que a levou a observar essa dificuldade por um ângulo muito próximo, que diz respeito ao processo de alfabetização no decorrer desses anos. Aproximadamente metade da turma não consegue aprender a ler e escrever nessa fase. A motivação que impulsionou esta profissional a seguir essa linha de pesquisa foi a constatação de que alguns alunos do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas possuem uma vontade enorme de tornarem-se alfabetizados, mas, infelizmente, alguns não conseguem aprender a ler e escrever na primeira fase de escolarização. Seguem analfabetos para as séries seguintes, o que

torna o processo para a aquisição da leitura e escrita mais complexo, devido à demanda de conteúdo, e por conta disso, muitos estudantes acabam desistindo da escola.

De acordo com o Censo Escolar de 2016, a Educação de Jovens e Adultos tinha, à época, 3,5 milhões de alunos. Destes, cerca de 25% estavam matriculados nas classes de alfabetização.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínuos (PNAD Contínua de 2017), o analfabetismo da população brasileira acima de 15 anos é cerca de 11,5 milhões, o que corresponde a 7 por cento.

Como relevância social para esta pesquisa, pretende-se que o aluno seja capaz de resolver situações diárias com a aquisição da leitura e escrita, tais como: elaborar uma lista de compras, conseguir se deslocar lendo o letreiro do transporte público, ler bula de remédios, ler receita médica, conseguir organizar uma lista com os seus respectivos horários e realizar com autonomia transações bancárias.

Como relevância acadêmica, identificou-se, após a pesquisa nas plataformas de textos acadêmicos, SciELO, CAPES e *google* acadêmico, um número limitado de teses, dissertações, monografias e artigos voltados para a alfabetização de Jovens e Adultos. Ademais, os professores desejam se qualificar para aprimorar as suas práticas pedagógicas na EJA, mas há a falta de investimento em formação continuada para os professores do referido segmento.

Como relevância profissional, pretende-se contribuir com a melhoria do ensino por meio da elaboração de um produto para replicabilidade em ambientes alfabetizadores da EJA, tais como outras escolas do município de São Gonçalo e municípios vizinhos, para que os professores reflitam sobre a necessidade de contextualizar os recursos didáticos utilizados com esse público-alvo, dentro da abordagem sociocultural, trazendo um significado para a aprendizagem na EJA.

Esta dissertação foi organizada da seguinte forma: na introdução foi apresentada a relevância do tema, implicações, motivações, um breve relato sobre a trajetória da autora, o objetivo geral, a hipótese motivacional para a pesquisa e a justificativa. No capítulo I apresento o histórico da EJA no Brasil e os seus sujeitos, bem como as dificuldades enfrentadas por esse público na construção do conhecimento. No capítulo II trazemos algumas noções sobre Letramento, alfabetização e a psicogênese da língua escrita. No capítulo III abordaremos as questões metodológicas utilizadas na pesquisa. No capítulo IV faremos a análise das rodas de conversas e do questionário que foram os dois instrumentos utilizados para geração de dados.

No capítulo V apresentamos o Produto Educacional, que foi organizado em formato único de Caderno Pedagógico, seguindo os moldes estipulados pelo Colégio Pedro II a fim de ser replicado por vários professores e ajudar alunos e professores da EJA. Finalizando o trabalho, teremos as considerações no capítulo VI.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Contexto Histórico da EJA no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos foi estabelecida por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9.394/96. Trata-se de uma modalidade de ensino que visa oportunizar a formação escolar para aqueles que não tiveram acesso a ela ou não puderam concluí-la na idade apropriada. Assim, são inúmeros os motivos que levam os inscritos na EJA a não completarem todas as etapas de estudos na idade própria, como também são inúmeros os motivos que os levam de volta à escola.

Historicamente, foi em 1940 que a Educação de Jovens e Adultos passou a receber alguma atenção no Brasil, considerando-se que o aluno precisa inserir-se na escola em busca da sua própria reflexão sobre o mundo que o cerca. O estudante era responsável pelo processo de aprendizagem e fazia, ao longo do processo, a sua autocrítica sobre o que tinha aprendido. Após esse período, vários programas surgiram com o objetivo de diminuir a taxa de analfabetismo do país, pois o indivíduo analfabeto era um peso para o desenvolvimento da nação.

Em 1970 surgiu no Brasil o sistema MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), organizado pelo governo federal brasileiro, instituído pelo decreto nº62.455, de 22 de março de 1968, conforme autorizado pela Lei nº5.379 de 15 de dezembro de 1967, tendo propostas contrárias aos objetivos centrais de Paulo Freire. Com o regime militar iniciado em 1964 no Brasil, o governo passou a controlar os programas de alfabetização de forma centralizada. O movimento recebeu críticas porque tinha como principal preocupação apenas ensinar a ler, escrever e fazer cálculos. Não era prioridade desse movimento a formação do ser humano em sua complexidade.

O sistema passou por uma uniformização do material utilizado com os alunos em todo o país e não havia aceitação de regionalização do conteúdo, ou seja, o material utilizado por todos os professores do país tinha que ser o mesmo, independente da necessidade e dificuldade do aluno jovem e adulto.

O MOBREAL permaneceu no Brasil por quase vinte anos e não alterou as bases do analfabetismo. Foi substituído pelo Projeto Educar e, posteriormente, pelo Supletivo. Com a lei nº9394/96 da LDBEN, formalizou-se a Educação de Jovens e Adultos.

A LDBEN 9394/96 trouxe mudanças no cenário nacional da EJA, na medida em que passou a cumprir a Constituição de 1988, e regulamentou a EJA como Modalidade de Ensino da Educação Básica Regular. Essa lei favoreceu a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e apresentou uma proposta em relação à formação do professor, dando-lhe tempo de planejamento para que ele pudesse refletir sobre a sua prática, discutindo com os seus pares sobre a questão da alfabetização crítica e reflexiva, contemplando as especificidades do sujeito dessa modalidade de Ensino. Seu objetivo era universalizar a alfabetização dos jovens que não conseguiram se apropriar da leitura e escrita no Ensino Regular. Esse decreto foi muito importante para que a EJA fosse inserida no orçamento educacional.

Jovens e adultos foram negligenciados na Educação por muitos anos. Não havia política educacional voltada para esse público. Nesse período, não se consideravam as especificidades cognitivas e sociais do aluno jovem e adulto. Sua forma de construção de conhecimento também não tinha qualquer atenção por parte dos órgãos responsáveis por esse segmento da Educação.

Pensar no fracasso do ensino na EJA ao longo dos anos requer uma volta ao passado e um entendimento político que perdura mesmo com o avanço tecnológico. A escola, desde o início, acompanha o fracasso dos alunos e pouco faz para diminuir a solidão vivenciada por eles que, em sua maioria, são oriundos das classes populares, em especial chefes de família que, por obstáculos da vida, não conseguiram concluir seus estudos dentro da faixa etária almejada pelo Ensino Regular.

Os alunos vão para a escola com o desejo de mudança, mas enfrentam dificuldades em se adaptarem às regras institucionais. Como não conseguem acompanhar a linguagem, as exigências e algumas orientações, acabam por abandonar a unidade de ensino, pois sentem-se sozinhos e, em diversos casos, não possuem suporte familiar.

O processo inicial de dominador e dominado se perpetua na sociedade e, para diminuir essa triste realidade, é necessário melhorar a qualidade de ensino, buscando diminuir a exclusão social, ainda notória no Brasil. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Educação é um direito de todos ao longo da vida e seu acesso deve ser público e gratuito aos Ensinos Fundamental e Médio para todos os que não concluíram em idade própria. Portanto, manter o estudante na escola requer políticas públicas capazes de acolher a maioria dos discentes, buscando entender as necessidades reais do grupo.

Nesse sentido, vale considerar alguns dos sete saberes necessários à educação do futuro, de Morin (2001), que dizem respeito aos “buracos negros da educação completamente ignorados, subestimados ou fragmentados nos programas educativos”, e que, portanto, devem estar no centro da formação cidadã. Um desses “buracos negros” bastante evidente na EJA é a ausência de um conhecimento pertinente, isso é, o saber é limitado pelo ensino disciplinar, do conhecimento fragmentado, sem a visão do todo, da conexão entre as partes que compõem o conjunto, o contexto do conhecimento e no que se pode colocá-lo em prática. Esse saber engessado muitas vezes não contempla o segmento. A necessidade dessa clientela é de aprender as atividades práticas da vida adulta para, assim, serem inseridos na sociedade letrada sem nenhum tipo de exclusão.

Outro aspecto negligenciado é a identidade humana, ignorada pelos programas de Educação. Morin (2001) declara que os indivíduos são parte de uma sociedade impressa pela cultura desde o seu nascimento e que são de uma espécie que está neles e deles depende. Portanto, a Educação deve considerar em seus programas a relação indivíduo-sociedade-espécie, que interage entre si continuamente.

2.1.1 A perspectiva freireana para a Educação

Paulo Freire é um nome incontornável na Educação de Jovens e Adultos, pois sua maneira de pensar sobre a Educação colocou esse público numa posição crítica e dialógica. Conforme afirma Barros (2017,p.12), na pedagogia de Freire, reconhece-se aos educandos o direito de partir de uma atitude curiosa da sua história e do mundo para se envolverem gradualmente numa análise crítica da realidade, em sentido mais lato e complexo, pelo que o sentido se constrói visando ao longo prazo.

O método Paulo Freire foi utilizado com a tentativa de alfabetizar o maior número possível de jovens e adultos para que pudessem ser inseridos no mercado de trabalho e não ficassem à margem da sociedade, impactando o desenvolvimento e a economia do país. Sendo assim, há uma preocupação social, em que o aluno aprende por meio da mediação entre conteúdo e realidade, sendo o educador um facilitador da aprendizagem, dando ênfase à toda a gama de informações que os discentes possuem. Assim, o grupo estudantil pode compartilhar e construir conceitos e não somente receber informações, gerando uma mudança de atitude em relação à máxima de que a transmissão do conhecimento é função exclusiva do professor.

A perspectiva freireana era pautada em alfabetizar o maior número de pessoas em um espaço curto de tempo, utilizando um material didático capaz de valorizar o contexto em que o aluno estava inserido, adaptando as aulas de acordo com os assuntos dominados pelos discentes. Freire (2018, p.28 e p. 31) defende que “ensinar exige rigorosidade metódica e respeito aos saberes dos educandos”, portanto é preciso aproximar a prática aos objetos cognoscíveis, ou seja, à realidade do aluno para que a experiência de vida seja a matéria-prima que tornará os objetivos de ensino efetivamente atingíveis e disponibilizará estratégias mais viáveis.


Dessa forma, o diálogo inicial era direcionado às “palavras geradoras”. Esse método valorizava o conhecimento prévio do aluno e estreitava o distanciamento entre os envolvidos no processo de aprendizagem. A partir daí havia a ampliação do vocabulário e outras palavras surgiam naturalmente, através do diálogo em sala e da troca de experiência entre os envolvidos.

Durante muitos anos, a EJA ficou fora dos orçamentos educacionais. Jovens e adultos analfabetos eram considerados um peso e, em alguns casos, esses indivíduos não tinham forças para lutar contra a sua condição inicial, pois não tinham tempo nem esperança para conquistar uma melhoria de vida. A esse respeito, Paulo Freire (2003, p.50) criou o termo “autodesvalia” – ou seja, de tanto ouvirem de si mesmos que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, os aprendizes terminam por se convencer de sua “incapacidade”.

Com as perspectivas da Educação Libertadora, Freire propõe uma educação crítica pautada na transformação social do sujeito. Nesse sentido, o aluno deixa de ser uma página em branco na qual são depositados os conhecimentos e passa a fazer parte da construção dele. Esse processo abre espaço para o diálogo e a comunicação eficaz entre educador e educando. Ambos aprendem juntos no processo de ensino-aprendizagem. Com isso, todos são beneficiados e conseguem enxergar o mundo com um olhar crítico e reflexivo.

Para Freire, “o educador que aliena a ignorância mantém-se em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem” (2003, p.58). A rigidez dessas posições nega a Educação e o conhecimento como processo de busca. Logo, tanto o professor quanto aluno precisam caminhar juntos, facilitando a reflexão durante as aulas. Promover um diálogo sadio entre os envolvidos garante um salto significativo no processo escolar garantindo a formação de indivíduos livres.

Em alguns casos, o educador não aliena seus alunos com a intenção de prejudicá-lo, pode apenas reproduzir em suas aulas as práticas pedagógicas que adquiriu ao longo da sua vida profissional ou não teve acesso durante a sua formação sobre práticas pedagógicas voltadas especificamente para a EJA. Embora a Educação de Jovens e Adultos não seja uma modalidade recente, as universidades públicas e privadas não oferecem disciplinas específicas para que os futuros professores tenham um conhecimento prévio antes de assumirem suas turmas. Segue abaixo a tabela feita após pesquisa realizada nas instituições de ensino superior públicas e privadas do Rio de Janeiro:



Programa de Mestrado Profissional
Práticas de Educação Básica
COLÉGIO PEDRO II

Acadêmica: raras disciplinas voltadas para EJA ofertadas pelas Universidades.

Pesquisa feita em 6 Universidades do RJ (UFRJ, UERJ, UFF, UNIRIO, Estácio de Sá e Universo)

- UFRJ --2 disciplinas obrigatórias Pedagogia, 1 optativa EJA
- UFF-- 1 disciplina obrigatória Pedagogia, 2 optativas de EJA
- UERJ – 1 obrigatória e 1 optativa
- Universo -- 1 disciplinas obrigatórias Pedagogia, 0 optativa para as licenciaturas
- Estácio de Sá-- 0 disciplina obrigatória e optativa
- UNIRIO-- 1 obrigatória para Pedagogia e 1 optativa para todas as licenciaturas.

Fonte: acervo pessoal da autora

Na Bahia há um Mestrado Profissional em Educação de Jovens e adultos oferecido pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia), cujo objetivo principal é a qualificação docente. Como o Mestrado Profissional da Educação Básica do Colégio Pedro II precisou passar por algumas mudanças devido a Pandemia da COVID-19, as aulas, os trabalhos, a qualificação e a defesa passaram a ocorrer na modalidade remota. Assim sendo, eu tive o privilégio de contar com a participação da professora doutora Márcia Tereza Fonseca Almeida, do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos da Bahia, em minha banca de qualificação e, consequentemente, na minha defesa.

Ouvir uma pessoa de outro estado com uma realidade diferente da nossa foi muito encantador, pois pude saber que na Bahia a EJA recebe um carinho especial, focado nas práticas pedagógicas desenvolvidas especificamente para a modalidade, construindo um novo viés e fornecendo ao novo professor uma formação sólida pautada no diálogo, novas perspectivas e fundamentação teórica.

De acordo com Gadotti (1993, p.23), “todo ser humano é capaz de aprender e de ensinar, e, no processo de construção do conhecimento, todos os envolvidos aprendem e ensinam”. A partir dessa afirmação observa-se como a formação docente é importante, pois todos nós aprendemos um com os outros e aprendemos todos os dias. Pensar na nossa prática deve ser um desafio diário e o diálogo entre professores e alunos faz com que entendamos qual será o melhor caminho que temos que seguir. A troca diária faz-se necessária para o planejamento de novas ações e o replanejamento de outras tantas. É no chão da escola que o docente consegue entender as necessidades reais dos seus alunos em particular da sua turma. As turmas da EJA são muito heterogêneas e as diferenças etária, cultural, racial, social e religiosa favorecem a riqueza de saberes que podem ser trabalhados ao longo dessa fase escolar.

2.2 Alfabetização

Ao falar de Alfabetização de Jovens e Adultos nos deparamos com muitos obstáculos no processo de ensino e aprendizagem. São alunos que não conseguiram se apropriar da leitura e da escrita na infância por motivos diversos. Retornam ao espaço escolar com uma vontade imensa de aprender tudo o que não foi possível anteriormente. Os motivos que levaram esses discentes a desistirem da escola quando criança não podem ser os mesmos que os afastarão da escola novamente.

Retornar à escola é um ato de bravura. Hoje a vida apresenta outras demandas para esse público que decide chegar até a escola e dar um novo significado a sua história de vida. São mulheres que deixam seus filhos sob o cuidado de outras pessoas, preparam o jantar antes de sair para a aula, ou ainda, saem correndo do trabalho e vão direto para a aula. Os homens que, por sua vez, saem cansados depois de um dia exaustivo de trabalho, às vezes chegam à escola com marcas das profissões que exercem para sustentar suas famílias. Todos esses alunos, cada um com a sua história, só querem uma nova oportunidade de seguir os estudos e ressignificar o seu espaço na sociedade. A emoção pode ser observada diariamente no olhar do nosso público.

Os nossos alunos precisam ser conquistados diariamente pela importância da descoberta da leitura e da escrita e nós, professores, somos responsáveis por manter vivo esse encantamento. Não tem como fragmentar a alfabetização e depositar em apenas uma série e um único professor toda essa responsabilidade. Todos os docentes são necessários nesse processo:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanhar as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96)

A partir da citação acima feita pelo educador Paulo Freire, entende-se que os alunos da EJA, mesmo após um dia inteiro de trabalho ou de atividades no seu próprio lar, sentem motivação para irem à escola, já que sua imaginação e curiosidade são fundamentais para construção de um trabalho de resgate de autoestima. Assim sendo, o aluno passa a se sentir inserido na turma, na escola e começa a construir todos os seus conhecimentos através da formação sólida do pensamento acerca dos temas propostos pelos professores.

Paulo Freire foi um dos autores mais sensíveis a essa faixa etária. Dedicou-se à alfabetização das classes populares por anos e tentava aprimorar seu processo de aquisição da leitura e da escrita focando sempre na aprendizagem significativa do aluno.

Para o autor, “alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura” (1974, p.18). Entende-se que para o aluno se apropriar da leitura e da escrita, os materiais escolhidos pelos professores devem atender às suas necessidades. Precisam ser escolhidos de acordo com a faixa etária e temática pertinente ao grupo, ou seja, o professor deve fazer um trabalho de sondagem prévia, a fim de conhecer as necessidades dos alunos, garantindo a redução das dificuldades ao abordar assuntos dentro do cotidiano do aluno.

Para Freire, “o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra” (1994, p.15). Decodificar as palavras vem à medida que o aluno entende o real significado delas e consegue entender o contexto no qual estão inseridas. O significado da escrita passa a ser construído através da importância social que o aluno compreende esse movimento para a sua vida.

Ao final dessa pesquisa será disponibilizado um Caderno Pedagógico como legado para a Educação de Jovens e Adultos. Esse material recebe o nome de Produto Educacional já que o curso é um Mestrado Profissional voltado para a Educação Básica. Durante o processo de elaboração desse material, o Método Paulo Freire e a Psicogênese da língua escrita foram usados como modelos norteadores para a elaboração das atividades contextualizadas para a Educação de Jovens e adultos. Este modelo freireano ganhou muita credibilidade, pois o patrono da Educação brasileira alfabetizou 300 pessoas em 40 horas.

As atividades foram elaboradas de acordo com o interesse dos alunos em elementos simbólicos, ou seja, que fizeram parte da infância e acabam hoje fazendo parte da memória afetiva: poesias, cantigas de roda, músicas e vocabulários do seu cotidiano, tais como frutas, legumes, bula de remédios, esportes, profissões, comidas típicas e artigos relacionados a construção civil. A partir da significação dessas palavras já conhecidas, outras irão surgir, aumentando o vocabulário do aluno e fazendo com que ele passe a escrever para então ser inserido ativamente na sociedade.

Magda Soares (2016) trabalha a alfabetização dividida em três facetas: a linguística, a interativa e a sociocultural. A primeira engloba o processo de alfabetização, letra, fonema, palavra. As duas últimas englobam o processo de Letramento. O mais importante para esta divisão é entender que é importante ensinar ao aluno o sistema de escrita. Deve-se tomar como base para este processo o uso de textos reais. Considerar o contexto em que a turma está inserida garante um envolvimento maior das partes na aula. O uso de frases soltas ou exercícios reaproveitados de outras turmas não contribuem para a aquisição da leitura e da escrita de uma maneira completa. Em alguns casos, o aluno aprende a decodificar algumas palavras ou as memoriza de acordo com a quantidade de vezes que já escreveu.

De acordo com a autora, a integração das facetas permite que, ao mesmo tempo que a criança vai aprendendo a codificar e decodificar, ela vai também aprendendo a compreender e interpretar textos, de início lidos pelo (a) alfabetizador(a), aos poucos lidos por ela mesma. (SOARES, 2016).

A partir das reflexões ensejadas por Magda Soares (2016), percebe-se a importância de contextualizar os textos selecionados para os alunos, pois assim, gradativamente, eles se conscientizam sobre a importância social da leitura e da escrita. Neste processo, aprende-se a ler o mundo através de textos e não com frases soltas em exercícios. Ao produzir um material para turma de alfabetização, é importante a inserção também do afeto, fator primordial na troca de saberes e leitura do mundo e das palavras.

Alfabetização e Letramento devem ser inseparáveis no processo de aquisição da leitura e da escrita. Ainda hoje no Brasil, segundo o IBGE (2011) 9,6% da população brasileira é analfabeta. Esses dados comprovam que os alunos precisam ser direcionados pelos professores a construírem suas ações no universo do mundo letrado. O diálogo, a apresentação da temática da aula e o envolvimento dos participantes nela garantem uma aprendizagem significativa. Deixar o aluno no ambiente letrado, sem planejamento e sem a mediação do docente dificulta

o processo de aquisição da leitura. Vygotsky (1998) afirma que o desenvolvimento cognitivo está relacionado com o processo de interação social, logo há a necessidade do diálogo entre pelo menos duas pessoas. Com isso, há uma troca de experiência entre os envolvidos no processo e o diálogo torna-se essencial.

Rajo (2009) afirma que, com a organização da Educação Básica em ciclos, temos a aprovação automática. Nela os alunos são aprovados mesmo sem estarem aptos a série seguinte. Se obteve a frequência de 75 por cento durante o ano letivo, é considerado apto. Essa medida gera desconforto entre escola e família, pois os alunos são promovidos sem se apropriarem de pré-requisitos. Além disso, observa-se um aumento significativo no índice de analfabetismo da população brasileira acima de 15 anos de idade, cerca de 11, 5 milhões de pessoas. Esse número corresponde a 7% da população, segundo dados da Pesquisa Nacional por mostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua, 2017).

Soares (2003) afirma que o processo de alfabetização é multifacetado e exige dos professores conhecimentos específicos para ensinar-aprender a língua escrita, pois envolve aspectos de natureza linguística, sociolinguística e psicolinguística, além de questões de ordem social e política. Diante do exposto, observa-se que o professor da EJA precisa realizar cursos de formação continuada e buscar planejar as suas aulas sabendo das especificidades que encontrará nesta modalidade.

Os processos de alfabetização e letramento são diferentes em relação ao seu significado, mas ambos se complementam na aquisição da leitura e da escrita. Sendo assim,

alfabetização é a iniciação do sistema ortográfico, ato de propagar o ensino ou difusão das primeiras letras e Letramento é definido como sendo a representação da linguagem falada por meio de sinais, escrita; incorporação funcional das capacidades a que conduz o aprender a ler e a escrever e condição adquirida por quem faz. (OXFORD LANGUAGES, 2020)

De acordo com Magda Soares (2003), a alfabetização se resume à codificação e decodificação de letras e sons; o letramento, a ela associado, permite ao aluno adquirir não somente as habilidades de leitura e escrita, mas de todo o processo de construção e interpretação do mundo a sua volta, visto que a linguagem contribui para a formação do sujeito na sua interação com o outro e na construção de muitos conhecimentos. Assim, é por meio da alfabetização e do letramento que o sujeito se torna capaz de perceber e compreender as mais

diversas situações de interação que ocorrem na sociedade, conseguindo analisar crítica e reflexivamente a sua realidade, bem como modificá-la.

O termo letramento não substitui a palavra alfabetização, mas aparece associado a ela. Soares (2004) afirma que letrar é mais do que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto no qual a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Nesse processo, não basta apenas juntar letras para formar palavras e reunir palavras para compor frases: deve-se compreender o que se lê, assimilar diferentes tipos de textos e estabelecer relações entre eles.

Assim sendo, constata-se, de acordo com as concepções de Magda Soares, que o Letramento favorece a leitura dentro de um contexto. Compreendendo a dinâmica do processo de alfabetização, a Educação de Jovens e Adultos deve privilegiar a escolha de textos de diversos gêneros. Trabalhar com poemas, receitas, música, lista de compras, lista de peças automobilísticas, lista de afazeres, bula de remédio, nome e trajeto do ônibus, textos biográficos, currículos, carta e e-mail: textos que despertam a curiosidade desses alunos e façam com que eles sintam-se motivados em aprender, já que essas propostas fazem parte do contexto em que estão inseridos.

De acordo com Magda Soares (2004, p.43), o papel do sujeito na sociedade e sua interação com o outro está atrelado a funcionalidade da língua para os sujeitos, como ela define a seguir: Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de trânsito) para receber instruções (para encontrar um tesouro... para consertar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido.

Assim sendo, observa-se que o Letramento linguístico na EJA precisa ser uma escolha assertiva a partir das atividades propostas pelos professores, para que os alunos consigam se orientar no universo letrado, conseguindo resolver as suas mazelas rotineiras sem necessitar pedir ajuda a estranhos ou familiares. Com isso, os sujeitos passam a se sentir pertencentes aos grupos que normalmente estão inseridos, refletem sobre suas ações dentro da sociedade e ficam abertos ao diálogo e a vivenciar novos desafios.

Sabe-se que cada indivíduo possui o seu tempo particular no processo de aprendizagem e, no momento da aquisição da leitura e escrita, isso precisa ser considerado pelos professores. Os alunos chegam à classe de alfabetização em níveis totalmente distintos um do outro, logo o professor regente precisa ter sensibilidade em planejar e refletir sobre a heterogeneidade da turma. Os alunos chegam à turma de EJA carregando marcas da sua escolarização anterior -

algumas de muita tristeza, outras de fracasso e outras de saudade. Transformar esses sentimentos em conteúdo, ressignificá-los e mostrar ao educando que sempre há tempo de recomeçar é função do (a) professor(a) da EJA.

Segundo Paulo Freire (2003, p. 18), “alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura”. De acordo com o exposto acima, o professor possui o legado de preparar esses jovens e adultos para serem cidadãos críticos e reflexivos e não apenas decodificadores de palavras, frases e textos fora do contexto. É função do educador fazer com que os alunos consigam se posicionar diante dos entraves vividos ao longo de sua existência em uma sociedade letrada.

2.3 Letramentos

Roxane Rojo (2012) contribuiu para esta pesquisa com o seu conceito de Multiletramentos. Nessa perspectiva, a autora define que o ato de ler está aliado a diferentes modalidades de linguagem que perpassam a escrita, como a imagem (parada e em movimento), a fala e a música. O aluno possui um leque amplo de possibilidades para conseguir ler e escrever. Além disso, com o avanço tecnológico todos nós temos uma comunicação imediata através das redes sociais e da internet.

A leitura imagética é rica em significados, principalmente no período inicial de aquisição da leitura/escrita. O aluno, através da fala, consegue fazer uma interpretação oral do texto, transmitindo a imagem interpretada, o seu julgamento de valor, sua análise pessoal. É interessante o professor entender que todas essas formas de Letramentos devem ser de fácil acesso para alunos. Eles precisam se apropriar dos diferentes tipos de textos para serem de fato inseridos na sociedade e solucionarem problemas do seu cotidiano.

Partindo da imagem, podemos analisar os desenhos produzidos pelos alunos em processo de aquisição da leitura e escrita. Sabemos que o desenho possui formas diferenciadas em relação à escrita e às letras, em consequência. Entretanto, embora se diferencie em relação à forma, ambos são imbuídos de um processo de interpretação. No que tange à interpretação, podemos observar que nem sempre a interpretação será a sugerida a partir do símbolo, pois “nem tudo que aparece ser é de fato”.

Trabalhar com embalagens de produtos de uso diário é muito interessante, pois muitas vezes o aluno não decodifica a palavra da embalagem, mas associa ao produto que sempre utiliza em casa. A partir da descoberta do nome ou da marca, ele é capaz de observar a formação da palavra que já conhece, dando vez a construção de tantas outras, ampliando o seu vocabulário e significando o mundo ao seu redor.

Ademais, o texto também possui esses dois aspectos interpretativos sobre o que está escrito e o que poderia ser interpretado a partir do escrito. Nós, adultos, temos a percepção de tentar achar que tudo que lemos está escrito. Entretanto, o gênero canção deve ser interpretado além dos caracteres escritos nos versos e nas estrofes, pois ao ouvirmos, seremos embalados pela melodia e pelas nossas emoções daquele dia. Iremos utilizar além do recurso da leitura, a audição e interpretação. É um conjunto de fatores externos que irão corroborar para a significação da letra para a música ouvida do dia. A emoção transmitida será singular, pois cada pessoa experimentará um momento diferente da sua vida.

Partindo do pressuposto da significação, é notório que a música faz parte da realidade existencial do educando. Ela é muito bem-vinda na EJA, pois perfaz o resgate da memória dos alunos, remete ao passado, ao presente e aos sentimentos. Todos nós temos a nossa trilha sonora, certo? Além disso, ao trabalhar com a música, mexemos com aspectos emocionais do aluno. Assim como a imagem, a música penetra no inconsciente da pessoa. O recurso da repetição auditiva favorece a internalização da música, seguindo juntamente a sua melodia. Ouvir várias vezes a mesma música faz com que ela fique registrada na memória da pessoa e esta consiga reproduzir de modo integral o que escutou. A música fica registrada na mente do aluno e trabalhar com esse tipo de texto garante a ele uma familiaridade textual no processo de construção da leitura e escrita, encorajando-o a aprender outras coisas.

Ao retomar a infância, podemos constatar que algumas cantigas de rodas e músicas da época da pré-escola ainda são bem vivas na nossa memória. “O Sapo Cururu”, “Dona Aranha”, “Atirei o Pau no Gato” são canções que resgatam a memória da infância do aluno e são passadas por gerações. Essas memórias podem ser partilhadas com os alunos da EJA para favorecer um diálogo rico do resgate da sua infância. Ao entregar uma folha escrita com as cantigas citadas anteriormente, a melodia e a letra estão de tal modo enraizadas na mente desses discentes que eles acabam tendo a sensação de estarem lendo a letra da música. Esse início é primordial para trabalhar a autoestima desse alunado que luta para superar as suas dificuldades diariamente. A

partir daí, o professor sensível à escuta cria expectativas para um futuro relevante no mundo da escrita.

Falar da nossa história para outras pessoas através do diálogo nem sempre gera tranquilidade, mas quando o professor cria um momento com músicas, o diálogo e a reflexão acabam acontecendo, pois o educando sente-se confortável nesse ambiente acolhedor organizado para o momento de troca. Perguntas durante uma roda de conversa são importantes para que o professor consiga descobrir um pouco sobre a realidade dos alunos, tais como:

- Você conhece essas músicas que acabamos de ouvir?
- Onde você as ouviu pela primeira vez?
- Quem apresentou essas cantigas de roda a você?
- Quando criança já experimentou brincar de roda?
- Costumava brincar com pessoas da família ou da escola?

O multiletramento faz-se necessário nesse processo de aquisição da leitura e escrita na EJA, dado o atual contexto tecnológico que vivemos atualmente. Logo, o professor precisa multiletrar seu aluno. Podemos conceituar Multiletramento a partir da concepção de Rojo,(2012, p,19): [...] compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramento) para fazer significar.

Desse modo, acredita-se que há diferentes formas de apreender um texto, além somente de lê-lo. O professor pode escolher estimular outros sentidos dos alunos, como a audição e a visão, por exemplo, trazendo para a sala de aula, músicas, vídeos, gêneros que abordam temas de interesse do cotidiano.

No entanto, buscou-se com a elaboração do Produto Educacional trabalhar com recursos tecnológicos aliados às atividades tradicionais dentro de um mesmo material, no qual o aluno poderá se apropriar de jogos interativos através da leitura de QR Codes. Com esse recurso multimodal, o professor passa a ressignificar o uso do celular na sala de aula, pois o aparelho deixa de ser utilizado somente com o intuito da socialização e interatividade e passa a ser um recurso pedagógico funcional, capaz de trabalhar vários sentidos do aluno e mexer com a curiosidade, imaginação e competição. Foi por essa razão que a pesquisa buscou investigar

como tem sido o ensino de leitura e produção textual no contexto da EJA e teve como um dos objetivos principais trazer uma pedagogia multiletrada para os alunos.

Sobre gênero textual, Rojo (2015) ressalta que todas as nossas atividades são orientadas por gêneros, seja dar “bom dia” a pessoas a sua volta, deixar recados informais em portas de geladeiras e até escrever e-mails. Eles se diferenciam de tipologia textual, pois, segundo a autora,

tipos de textos são classes, categorias gramaticais de texto — portanto, “uma construção teórica” — que busca classificar os textos com base em suas características linguísticas [...] Os gêneros, ao contrário, não são classes gramaticais para classificar textos: são entidades de vida. (ROJO, 2015, p. 26).

Então, cabe ao professor da EJA utilizar todos os recursos disponíveis para o aprimoramento ou aquisição da leitura e da escrita. Pode-se resgatar a caixinha de correios na escola, fazendo com que alunos de outras turmas sejam contemplados com cartas, assim como funcionários e professores, bilhetes funcionais para colegas, funcionários e familiares, mensagens de *WhatsApp*, uso dos *emojis* (imagens que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa). Essa última sugestão pode ser utilizada no início do processo de alfabetização para que o aluno se sinta mais confortável em se comunicar com os outros e com os professores, já que possui dificuldades iniciais na escrita.

2.4 Psicogênese da Língua Escrita

A teoria da Psicogênese da Língua escrita está baseada nos conceitos de Piaget e tem como base o processo de construção da escrita. Tal teoria foca na criança como protagonista do seu próprio aprendizado. Essa teoria foi elaborada e estudada por duas psicolinguistas argentinas chamadas Emília Ferreiro e Ana Teberosk (1986). Nessa teoria, as autoras explicam que o ambiente por si só não alfabetiza sozinho, não importa para o aluno que a sala de aula tenha muitos papéis colados nas paredes, portas ou armário. A função da escrita precisa ser evidenciada para esse aluno quando criança e também para aqueles que não conseguiram alcançar a leitura e escrita na fase adulta.

Através da pesquisa de Ferreiro e Teberosky (1986), ficou comprovado que os adultos não alfabetizados passam pelas mesmas fases que as crianças no que tange a aquisição da leitura e escrita.

O professor alfabetizador precisa ter a sensibilidade para proporcionar ao aluno um ambiente pensado em diferentes interações com a língua escrita e essas mediações podem ser organizadas entre pessoas que leem. Não adianta colar vários cartazes nas paredes criando um ambiente alfabetizador, dispondo livros, se o aluno não tem a percepção da sua funcionalidade. Logo, o professor poderá iniciar a sua aula apenas com uma notícia de jornal e trará para a turma a funcionalidade e a importância desse texto para o aluno e para a sociedade.

É a partir dessa construção do significado que o aluno passará a entender o mecanismo da leitura e da escrita. Nenhum aluno chega à escola a partir dos 4 anos de idade sem conhecimento prévio. Tanto adultos como crianças chegam à escola com as suas próprias percepções sobre a escrita e cabe a nós, professores, lapidarmos esse conhecimento que eles já trazem.

Com o estudo da orientação espacial da leitura oferecido pelas autoras, o professor passa a compreender porque muitos alunos ainda não conseguem utilizar o caderno com tanta destreza, mesmo sendo adultos. Essa foi uma queixa de alguns professores presentes no curso de extensão oferecido pela pesquisadora quando disseram: “os alunos não sabem utilizar caderno e copiar do quadro.”

Entretanto, fazer com que o aluno compreenda que a escrita começa da esquerda para direita leva tempo, embora pareça simples para quem já sabe ler e escrever. O aluno em fase inicial fica perdido até porque não há nada que o situe para tal movimento, como explicam Ferreiro e Teberosky (1999, p. 65): “não há numa página impressa que indique por onde é preciso começar a ler e por onde há de seguir. Faz falta ter-se assistido a atos de leitura – acompanhados de indicações gestuais específicas para poder sabê-lo”.

Algumas vezes, nós, professores, queremos que o aluno saiba o que ainda não foi ensinado para ele e desejamos um aluno já pronto, com as nossas percepções de leitores fluentes. À medida que os alunos vão se familiarizando com essa organização espacial, passa a compreender a organização do caderno e livros. O docente nas primeiras aulas pode sinalizar o caderno do aluno com marcações para nortear esse início, seja fazendo um ponto a caneta, ou um x, para que o discente consiga entender onde deve iniciar a sua escrita.

O professor já tem o processo da escrita internalizado na sua mente e nas suas ações, pois passa grande parte do dia imerso no mundo textual. Logo, de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999, p.119), “para nós adultos já alfabetizados, é tão óbvio que ao escrever

transcrevemos o que dizemos, que não nos ocorre pensar que poderia ser de outra maneira.” Essa dificuldade de se colocar na perspectiva de quem ainda não sabe ler e escrever dificulta um pouco o processo, já que algumas associações feitas pelos alunos soam como “anormais” para a língua escrita, quando na verdade são mecanismos criados pelos alunos para significar a escrita seguindo o caminho dos níveis.

No livro *Psicogênese da Língua Escrita*, as autoras dividem a evolução da escrita em 4 níveis muito importantes, que avançam com o grau de maturidade linguística do leitor. No nível 1, para o leitor em fase inicial, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma (EMILIA FERREIRO E ANA TEBEROSKY, 1999, p.193) o que chamamos de nível pré-silábico; no nível 2, para poder ler coisas diferentes, deve haver uma diferença objetiva nas escritas (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 202), nível silábico; o nível 3 se caracteriza pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Cada letra vale por uma sílaba (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 209); chamamos esse nível de hipótese silábica ou nível silábico-alfabético. O nível 4 é a passagem da hipótese silábica para a alfabética chamado também de nível alfabético.

Em alguns momentos uma única turma da EJA é formada por alunos dos quatro níveis de alfabetização. Já experimentei isso durante a minha prática como professora regente da EJA e os demais colegas relataram essa situação como sendo um grande obstáculo para o sucesso das suas aulas e a busca por uma prática pedagógica eficaz capaz de dar conta das diferentes demandas em relação aos diferentes níveis de aquisição da leitura e escrita em que os alunos se encontram.

Infelizmente, esse caso não é exclusivo apenas da Prefeitura de São Gonçalo. Podemos relacioná-lo à desorganização durante o processo de enturmação que cada estado e prefeitura realiza para acomodar esse aluno em uma turma. Outro fator importante para justificar essa heterogeneidade é a questão da aprovação por terminalidade insistida por alguns estados, descumprindo o parecer CEB (Câmara da Educação Básica) nº11/00 que regulamentou as chamadas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, preconizando que a EJA não possui mais a função de suprir somente a escolaridade perdida, mas a função reparadora, qualificadora e equalizadora, garantindo essa forma no interior da Legislação. Entretanto, para diminuir gastos orçamentários e aumentar a rotatividade de alunos na escola, alguns gestores acabam aderindo a essa prática.

Outro questionamento levantado pelos cursistas nos encontros síncronos foi sobre a dificuldade dos alunos em reconhecerem outras classes gramaticais como artigos, numerais e pronomes como palavras, já que possuem quantidade menor de letras do que os substantivos, normalmente usados como palavras norteadoras para cada tema da aula. Esse fato também ocorre com as crianças, e Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1999, p.126) explicam da seguinte forma: “[...] se os artigos não são palavras, não existem razões para escrevê-los, visto que concordamos em que o que escrevemos são precisamente, palavras”.

Outra dificuldade que nós, professores alfabetizadores da EJA encontramos, é a aglutinação das palavras na mesma oração, ou seja, os alunos escrevem as palavras na frase sem darem os espaços entre elas. Através de exercícios com frases aglutinadas para que o aluno possa separá-las e da utilização de texto, conseguimos reduzir com o tempo essa dificuldade dos nossos alunos. Ao separarem as palavras uma das outras, os alunos irão aos poucos entendendo que na língua escrita há diferentes classes de palavras, com quantidades maiores ou menores de letras e que todas são importantes para a organização do texto escrito.

Chegar a conceber que a escrita representa as palavras emitidas e que a ordem espacial-fixa e não flutuante -corresponde à ordem de emissão são os pré-requisitos indispensáveis para que a tarefa proposta seja resolvida com uma facilidade surpreendente. (TEBEROSKY, FERREIRO, 1999, p. 153)

Todos nós professores sonhamos com o dia em que os alunos consigam conceber a escrita respeitando a organização espacial e a ordem das palavras. Depois que esse mecanismo de organização espacial passa a ser internalizado pelos alunos, o processo de aquisição da escrita torna-se mais fácil para os educandos, assim como já funciona para as pessoas alfabetizadas. Não pensamos na quantidade de letras e palavras ao escrever, apenas vamos escrevendo, pois essa parte já está enraizada no nosso processo de escrita.

Para as autoras, os atos de leitura são interpretados como uma admissão de fato de sua possibilidade sem questionar-se sua legitimidade. Os alunos no processo de alfabetização leem somente as letras. Nesse nível inicial, muitos ainda não conseguem entender a intencionalidade do texto que estão lendo, pois juntar as sílabas de várias palavras já é por si só um grande desafio para os iniciantes.

Seguindo a sugestão de Ana Teberosky e Emília Ferreiro(1999), elaborei como primeira atividade do Caderno Pedagógico a origem do nome, em que o aluno passará a ter o seu modelo de escrita a partir do seu nome próprio, cumprindo a função especial da Psicogênese, pois

resgata a história desse aluno através da escrita. A partir daí, o aluno será capaz de aprender o nome próprio, sua origem, sua história, resgatando memórias afetivas experimentadas ao longo de sua trajetória como sujeito. Essa sugestão de atividade pode ser observada no apêndice F deste trabalho.

Outra possibilidade interessante para o professor (e que já foi estudada também por Paulo Freire e retomada pelas autoras) é o estudo a partir das palavras geradoras, que irão variar com a faixa etária dos educandos. No livro aparecem palavras do cotidiano das crianças, tais como “mamãe”, “papai”, “menino”, “urso” e “asa”. No produto educacional, elaboramos atividades a partir das palavras geradoras BELEZA e TIJOLO, trabalhando com a parte tradicional da escrita com atividades no papel a serem reproduzidas e lúdico-interativas mobilizando o aluno moderno a viajar pelo universo tecnológico tão necessário para os dias atuais. Essas duas possibilidades de atividades contextualizadas encontram-se no apêndice F.

Em geral, os adultos apresentam uma dificuldade enorme de autoestima. Isso dificulta muito a aprendizagem, pois eles não se abrem ao novo, não se permitem a troca de experiências com os seus pares e com o professor. Alguns ainda optam por serem imperceptíveis em sala. Chegam, copiam a proposta, ouvem e vão para casa novamente.

Trabalhar o resgate da autoestima através do oferecimento de novas oportunidades para esses sujeitos deve ser um desejo dos docentes da EJA, pois assim que eles passam a acreditar neles mesmos e deixam de se definir com palavras negativas, tais como: “eu sou burro”, “eu não aprendo”, “eu não consigo”, “sou uma mula”, o processo de ensino-aprendizagem melhora, e os discentes se abrem a possibilidades de desbravar o universo de palavras diferentes. Caso contrário o aluno cria uma resistência a aceitar o novo e a escrever novas palavras, como uma espécie de bloqueio.

O aluno confiante aprende mais rápido, pois ele deixará de atribuir a responsabilidade somente ao professor como sendo o detentor do saber e passará a se sentir parte do processo, opinando, dialogando e sugerindo. Nós aprendemos um com os outros diariamente e isso se justifica na citação abaixo, na qual as autoras escrevem que a escrita deixa “marcas” e tal marcas são construídas através da troca:

Ter descoberto a possibilidade de representação gráfica dos sons da linguagem, não é ter compreendido todo o sistema escrito. E um não implica, automaticamente, o outro, porque a escrita não é somente a representação gráfica do aspecto sonoro da linguagem. A escrita contém “marcas” que tem um significado específico. (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999, p.255)

O professor da alfabetização de Jovens e Adultos deve entender que nenhum sujeito parte do zero ao ingressar na escola, mesmo nos anos iniciais. Os alunos, ao chegarem à escola, já trazem as suas bagagens sobre a leitura e escrita. Mesmo ainda não sabendo decodificar frases completas como gostariam, chegaram até onde estão, solucionando problemas do seu cotidiano. Logo, o docente pode ter empatia ao pedir que esse aluno consiga resolver as questões da escola através do seu ponto de vista, mesmo que esse não faça sentido para eles.

2.5 Dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA

Os sistemas escolares, ainda hoje, não conseguem solucionar o problema da evasão. O abandono, principalmente na rede pública de ensino, ainda é um grande obstáculo ao crescimento educacional do país. Garantir a permanência do aprendiz na escola exige um pensamento crítico pautado na individualidade do sujeito. Entender que cada ser humano tem uma necessidade diferente poderia diminuir a evasão no ensino regular, o analfabetismo e as dificuldades de permanência dos jovens e adultos nas instituições.

Atualmente observa-se, nas escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro e nas escolas da Prefeitura Municipal de São Gonçalo, que uma parcela considerável de alunos é aprovada automaticamente em algumas séries do Ensino Regular (1º ao 3º ano) e ficam retidos no 3º ano por não saberem ler e escrever. A repetência crônica faz com que eles fiquem nessa série até completarem 15 anos. Após essa idade, são convidados para participarem da Modalidade de Jovens e Adultos porque já estão fora da idade “correta” para o Ensino Regular. Alguns desistem e abandonam a escola nesse momento, outros chegam à EJA com pouca esperança e, quando as dificuldades surgem, também abandonam.

Infelizmente a organização de algumas Secretarias de Educação em ciclos não está sendo muito bem empregada no Brasil. A ideia central da Progressão Continuada (ciclos) é garantir a todos o direito de aprender. Ele reconhece que as crianças passam por ciclos de desenvolvimento de acordo com as concepções de Jean Piaget (1896-1980) e que as aprendizagens ocorrem através dos ciclos e em ritmos diferentes.

Pensando na real proposta da Progressão Continuada, os alunos deveriam continuar nos seus ciclos até que conseguissem absorver o conteúdo programático para aquele período. Todos os professores são responsáveis pelo processo de aquisição de leitura e escrita e essa

responsabilidade não pode ser dada somente ao professor alfabetizador, pois, à medida que esse aluno vai para outro ciclo sem ler, ele precisa aprender a ler no ciclo seguinte garantindo uma educação de qualidade prevista na LDBEN9.394/96.

Cada sujeito desenvolve um ritmo próprio para realizar uma atividade e assimilar um conteúdo diferente. No ensino regular também conseguimos observar que, embora os alunos possuam a mesma idade, não apresentam o mesmo desempenho na escola e em tarefas rotineiras. Esses ciclos foram criados pensando na heterogeneidade do ser, considerando-se que a aprendizagem ocorre nos ciclos de desenvolvimento.

A ideia inicial era diminuir a evasão escolar e a repetência dos alunos que apresentam um pouco mais de dificuldade para aprender, garantindo uma permanência maior nos ciclos, capacitando os alunos nas diferentes áreas, apoiando as suas dificuldades e criando diferentes estratégias de ensino.

De acordo com o Censo Escolar de 2016, a Educação de Jovens e Adultos tinha à época 3,5 milhões de alunos. Cerca de 25% estavam matriculados nas classes de alfabetização. Esse número é bem alto, pois muitos alunos desistem e continuam analfabetos. Vale lembrar que só aparecem no Censo Escolar os alunos matriculados em escolas legalizadas. Sabe-se que muitos outros são acolhidos por espaços informais, como ONGS, igrejas e associação de moradores, cujos professores são voluntários. Tal situação promove, além do processo de escolarização, um debate crítico acerca da oferta de educação de jovens e adultos no país.

Estudantes da EJA reativam a vida escolar com um vasto conhecimento adquirido sobre o mundo letrado, seja por meio de passagens pela escola, seja por meio das atividades cotidianas. Precisam conciliar as demandas da casa, do trabalho e da escola, vencendo todos os desafios diários. Além disso, desde os mais jovens aos mais velhos, admitem frequentar algum grupo religioso: logo, possuem conhecimentos, crenças e valores já constituídos.

Os alunos chegam à EJA com a autoestima baixa e não confiam que são capazes de aprender. Muitos chegam a externalizar para o professor que são “burros” e que não conseguem fixar os conteúdos propostos. A falta de confiança em si mesmo em alguns momentos pode ser justificada pela sua trajetória escolar marcada por muitas dificuldades, desistência, abandono e solidão. Alguns alunos abandonam a escola por fatores externos, como busca por emprego para sustentar a família e nascimento de filhos; outros, por sua vez, vão sofrendo com o descaso da escola em entender necessidades essenciais individualizadas. Ensinar o aluno a ler e a escrever

precisa ser o primeiro objetivo do professor. Caso o aluno não consiga adquirir esse conhecimento na turma correspondente a esse grau de conhecimento, outros professores devem continuar no mesmo processo. Todos os professores são responsáveis pelo desempenho do educando na escola.

Nesse sentido, há de se considerar a concepção de Educação Continuada, por meio da aprendizagem ao longo da vida – ALV –, um princípio organizador de todas as formas de educação para enfrentamento dos desafios globais, reconhecendo que o homem é um ser inacabado, em constante processo de formação, visando aos direitos humanos e prevendo campos e espaços de educação para além da perspectiva escolar, a partir do envolvimento de novos problemas, novos sujeitos e novos temas. Essa nova proposta para a EJA, pautada na Educação Continuada, é concebida como formação para a vida e para o desenvolvimento humano, no seu sentido mais amplo, atendendo à complexidade dos sujeitos envolvidos no processo. (LEITE, 2014, p. 24-25).

O desenvolvimento global do sujeito vai além das séries tradicionais. É uma tarefa árdua, que exige dedicação quase exclusiva do professor. Reconhecer as necessidades reais do aluno vão além das regras de organização da escola. Encorajar chefes de família a mudarem de vida, de trabalho e conseguirem analisar o mundo que os cerca com pensamento crítico e reflexivo demanda um olhar sem preconceito pelos docentes.

Dessa forma, inserir o alunado no universo tecnológico, oferecendo dispositivos capazes de facilitar a rotina diária, também é uma forma de diminuir a exclusão social, pois o estudante passa a ter a noção de pertencimento e sente-se atuante na sociedade. Além disso, é no espaço escolar que os sujeitos possuem um local próprio para desenvolver suas habilidades cognitivas e conseguir desenvolver tarefas cotidianas: usar aplicativo de banco no celular, pagar conta, enviar currículo via e-mail, preencher formulário pelo *google forms*. Essas ações parecem simples para os dias atuais, mas ainda exigem da nossa clientela um saber complexo que exige noções básicas de Letramento Digital.

2.6 Professores alfabetizadores da EJA e a construção de um material didático sociointeracionista

A classe inicial de escolarização dos alunos da EJA que chegam à escola oriundos da turma regular ainda sem aprender a ler e a escrever é a classe de alfabetização. Cada prefeitura trabalha com uma nomenclatura diferente para a Educação de Jovens e Adultos. O que é comum a todas acaba sendo a divisão das turmas. No primeiro ciclo temos as turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com duração média de 6 meses cada série, diante do aproveitamento do aluno nas avaliações do semestre. Posteriormente, seguem para as turmas do Ensino Fundamental II, equivalente aos 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Regular. Cada série possui o tempo mínimo de permanência do aluno de 6 meses, equivalendo a um semestre. As avaliações são distribuídas de três em três meses.

A questão de estudo que norteia esta pesquisa é justamente a inquietação acerca da organização e projeção das aulas das turmas das séries iniciais da EJA. A pesquisadora é professora regente das turmas de Jovens e Adultos e, ao observar o desenvolvimento das aulas durante o semestre, ficou surpresa ao constatar que alguns professores alfabetizadores não preparam as aulas de acordo com a modalidade que atuam. É necessário que o diálogo e a reflexão sobre os assuntos do cotidiano sejam colocados como prioridade nas turmas de EJA para criar um ambiente de discussão em sala de aula. Participar ativamente das propostas pedagógicas favorece o processo de aquisição de conhecimento desses alunos.

Assim, os professores alfabetizadores podem propor um espaço na própria sala de aula para as notícias ou denominar esse espaço de “Espaço Atualidades”. Dessa forma, os alunos podem modificar a organização espacial, de modo que cada um possa se enxergar na sala como parte fundamental para o desenvolvimento global da turma.

A troca no grupo é fundamental para que ocorra o crescimento coletivo da turma. De acordo com Vygotsky (1998), “através dos outros nos tornamos nós mesmos”. Logo, observa-se que nós, seres humanos, estamos em constante evolução e dependemos do outro e das experiências coletivas para solidificar o nosso saber.

Vygotsky (1998) também entende que precisamos de mediadores no processo de ensino-aprendizagem e o professor da EJA deve entender que esse é o seu papel em sala, considerando-se que, no mundo em que vivemos hoje, o aluno não se conforma em apenas ouvir e copiar os

conteúdos de uma aula expositiva, pois precisa ser motivado a despertar para o diálogo crítico sobre os diversos temas que fazem parte do nosso cotidiano enquanto cidadão que cresce e aprende em sociedade.

3. METODOLOGIA

O procedimento metodológico adotado considera a autonomia dos sujeitos envolvidos e, por isso, esta é uma pesquisa que buscou ouvir os sujeitos participantes da pesquisa com atenção e respeito ao seu lugar de fala e condições de desenvolvimento do trabalho profissional como educadores de jovens e adultos.

Thiollent (1985) afirma que a pesquisa-ação supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro. Esse tipo de pesquisa é muito necessário na área de Educação, pois permite ao pesquisador buscar soluções para o problema que o inquieta. Como o próprio nome já define, é uma pesquisa em constante movimento e busca por melhorias e mudanças produtivas.

Essa pesquisa foi aprovada na Plataforma Brasil com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 52166421.2.0000.9047, com financiamento próprio e número de Parecer 5.044.565. Uma cópia desse documento segue em anexo. O tipo de pesquisa a ser utilizado será a pesquisa-ação com abordagem qualitativa e quantitativa. Ela foi escolhida para esse trabalho pois é um instrumento de investigação com grupos de pequenos ou médio porte e utiliza uma abordagem de interação social. Trabalhei com aproximadamente 40 pessoas inscritas no Curso de Extensão, e pretendo dialogar sobre diferentes formas de ações pedagógicas que podem ser utilizadas para refletir na elaboração dos recursos para as turmas da EJA. Nesse caso, a pesquisadora é a professora regente da turma de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas, escola pública do Município de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Logo, ela está diretamente ligada às dificuldades encontradas no processo de alfabetização desse público. Essa pesquisa favorece os professores da EJA a refletirem criticamente sobre suas práticas.

A pesquisa-ação é desenvolvida em sala, pelo professor, com o intuito de aprimorar sua prática docente ou buscar a resolução de algum problema relacionado ao ensino. Possui etapas flexíveis, ou seja, não necessitam ser seguidas de forma ordenada e com rigidez. Uma limitação observada nesse tipo de pesquisa é que elas são consideradas menos científicas e mais expostas a manipulações por parte de seus pesquisadores do que as pesquisas convencionais.

A pesquisa-ação é, nesse âmbito,

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo operativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p.14)

Portanto, nesse tipo de pesquisa o investigador tem uma ação destinada a resolver o problema que o aflige, tendo como objetivo primeiro buscar soluções possíveis de serem feitas com o intuito de aprimorar a prática garantindo a melhoria da educação.

Thiolent (2011) afirma que um dos principais objetivos dessas propostas consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem. Essa é uma inquietação experimentada diariamente pela pesquisadora ao se deparar com a realidade da falta de planejamento e busca por estratégias capazes de contemplar os alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Esse trabalho adotará os moldes metodológicos da pesquisa-ação com abordagem qualitativa e quantitativa. Haverá, por conseguinte, uma preocupação com o legado social deixado pelos estudos, a melhoria na vida dos indivíduos envolvidos e uma solução significativa do problema para as próximas gerações. Na fase inicial foi realizado o levantamento bibliográfico, a leitura e o conhecimento do campo a ser explorado durante e após a coleta de dados. Posteriormente, foi feita a análise de documentos, tais como fichas de matrículas e Projeto Político Pedagógico da Escola.

A escolha pela pesquisa mista (envolvendo abordagens qualitativa e quantitativa) deu-se pela necessidade de essa pesquisa precisar tanto de dados qualitativos como de dados quantitativos. Um dos instrumentos escolhidos para coleta de dados foi o questionário respondido pelos professores participantes do Curso de Extensão. Esta fonte foi analisada através de dados numéricos e gráficos fornecidos pela ferramenta *google form*. A roda de conversa foi sugerida na qualificação pela Prof^a Dr^a Marcia Tereza Fonseca Almeida e será o segundo instrumento utilizado para coleta de dados. Ela foi gravada, feita através do *meet* e a análise deu-se à luz da Análise do Discurso.

Essa pesquisa foi realizada em um formato de Curso de Extensão à distância, devido à Pandemia do vírus COVID-19, que impediu que as pessoas saíssem com segurança das suas casas dada a velocidade de transmissão do vírus, podendo levar qualquer indivíduo com ou sem comorbidades a óbito. Diante da crise sanitária, a pesquisadora precisou adaptar seu campo de estudo. Logo, o curso foi desenvolvido na plataforma *Moodle* com o apoio do Colégio Pedro II

e a forma de ingresso em campo ocorreu através do preenchimento da inscrição *on-line* no *site* da instituição dentro do período estabelecido previamente em edital.

A população da pesquisa foi composta pelos 100 professores regentes da EJA inscritos no Curso de Extensão realizado com o apoio do Colégio Pedro II e a amostra foi organizada somente pelos professores que entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) assinado via e-mail para a pesquisadora e tiverem frequência igual ou superior a 75 por cento.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado para cada participante inscrito no Curso de Extensão através do e-mail cadastrado na inscrição. Este documento foi assinado e devolvido para a pesquisadora. O participante poderia escolher a maneira mais fácil de devolver a documentação assinada: optar por assinar o documento através da assinatura digital e salvar o arquivo em PDF ou imprimir a folha, assinar manualmente, digitalizar ou fotografar o documento e devolvê-lo por e-mail para a pesquisadora.

Espera-se que, com a produção da sequência didática voltada para EJA, os alunos fiquem mais familiarizados com a leitura e a escrita, pois exercícios e textos serão elaborados de acordo com a faixa etária da clientela e a temática escolhida estará dentro do contexto do aluno. Isso servirá para que os estudantes aprimorem a aquisição da leitura e escrita e a sequência didática irá ajudar todos aqueles que se apropriarem dessa atividade. Os professores irão refletir sobre novas alternativas possíveis de serem trabalhadas com adultos dentro de uma perspectiva sociocultural. Ademais, alunos da EJA irão melhorar a sua escrita e leitura inserindo-se efetivamente na sociedade.

3.1 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados para essa pesquisa foram um questionário semiestruturado para professores da EJA e uma entrevista individual.

De acordo com Gil (1999, p. 128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Os instrumentos de dados foram disponibilizados em um momento de pandemia do COVID-19 e, graças aos recursos tecnológicos, foi possível disponibilizá-lo aos participantes dessa pesquisa através do compartilhamento do documento na ferramenta *google forms*. Através desse formulário, a pesquisadora teve acesso a todas as respostas imediatamente após o seu preenchimento. Essa facilidade proporcionada pelo recurso garantiu segurança aos envolvidos na pesquisa, já que ainda não podíamos nos encontrar presencialmente para realizar as nossas atividades rotineiras e otimiza o tempo.

Gil (p. 128-129) descreve em sua obra os benefícios de escolha do questionário sobre as demais técnicas de coleta de dados: a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.

As entrevistas, por sua vez, foram realizadas utilizando a ferramenta *zoom*, que possibilita encontros gratuitos através de dispositivos móveis como tablets, celulares com android ou IOS e computadores. O encontro nesse programa, na sua versão gratuita, possui limitação de tempo e não pode ultrapassar 1 hora. Após esse tempo, a reunião é finalizada, necessitando gerar outro link aos participantes da entrevista.

A plataforma oferece a opção de gravar o encontro. Esse recurso foi utilizado com todos os 40 participantes dessa pesquisa em data e hora acordado por ambos, pesquisador e participante, para que não haja incômodo ou interferência do entrevistador nas atividades laborais ou externas do participante. Os agendamentos foram feitos via *WhatsApp* para evitar conflitos de horários entre os participantes, evitando o desgaste entre os mesmos.

Como as perguntas dessa roda de conversa foram disponibilizadas previamente aos professores participantes do Curso de Extensão, não ultrapassamos o encontro individual por mais de 1 hora, garantindo o bem estar dos participantes.

Através desse estudo, foi elaborada uma sequência didática que incentive os professores a confeccionarem recursos didáticos contextualizados em prol da Alfabetização de Jovens e Adultos, contribuindo com o processo de ensino-aprendizado do público-alvo dessa pesquisa, alunos da EJA. O material confeccionado será disponibilizado para que o aluno faça uso do mesmo em seu cotidiano.

3.2 Descrição das etapas da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas:

I- Revisão bibliográfica;

II- estudo do referencial teórico que trata dos temas presentes nesse trabalho;

III-elaboração do questionário que irá contribuir para traçar o perfil dos professores e fornecer dados que indiquem o que trabalham e como trabalham a Alfabetização da EJA nas suas aulas;

IV- elaboração da entrevista a partir do referencial teórico;

V- aplicação do questionário;

VI- análise dos dados obtidos por meio do questionário;

VII- roda de conversa;

VIII- análise do discurso obtidos por meio da entrevista;

IX- confecção da sequência didática;

X- redação das considerações finais com a reflexão sobre os dados colhidos no campo e cuidadosamente analisados por meio da técnica de análise de discurso e dos referenciais teóricos que nortearam o estudo;

XI- apresentação dos resultados para a comunidade pesquisada e para o corpo docente e discente do Mestrado Profissional do Colégio Pedro II.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Como se trata de um Mestrado Profissional, é necessário desenvolver um produto educacional relacionado ao grupo pesquisado. É interessante para o segmento escolhido que esse material seja replicado por outras escolas de diferentes lugares, contribuindo assim para a melhoria da Educação.

Com relação à classificação, o produto educacional em questão se caracteriza como material didático instrucional e segundo Rizzatti et al. (2020),

Professores e professoras podem reusar (liberdade de usar), revisar (adaptar, modificar, traduzir), remixar (combinar dois ou mais materiais), redistribuir (compartilhar) e reter (ter a própria cópia) os diferentes produtos gerados nos mestrados profissionais de modo crítico, adaptando-os às necessidades de suas diferentes turmas de alunos e devolvendo à sociedade novos produtos educacionais num continuum. (...) O produto educacional deve apresentar em sua descrição as especificações técnicas, ser compartilhável, registrado em plataforma, apresentar aderência às linhas e aos projetos de pesquisa do programa de pós-graduação, apresentar potencial de replicabilidade por terceiros, além de ter sido desenvolvido e aplicado para fins de avaliação, prioritariamente, com o público-alvo a que se destina. (RIZZATTI et al., 2020, p. 2 e 4).

O caderno Pedagógico produzido é compartilhável, passível de ser replicado por outros docentes em suas aulas e foi elaborado com o intuito de promover o sucesso das atividades contextualizadas para a Educação de Jovens e Adultos. Esse material é composto por jogos e atividades diversas com textos, poemas, músicas, receita e bula de remédios que envolvem temáticas que possam promover debates, provocar reflexões e possibilitar a troca de ideias em sala de aula, estimulando os discentes a exercitarem a escuta e a aceitação de múltiplos pontos de vista.

O título do produto educacional deste trabalho é Caderno Pedagógico: **DA EJA PARA A VIDA**. Elaboramos uma sequência didática com recursos didáticos variados construídos coletivamente com os professores participantes do Curso de Extensão, para alunos da alfabetização da EJA. Esses materiais são contextualizados de acordo com temas de interesse dos alunos. O produto segue o modelo de Paulo Freire, que utilizava “palavras geradoras” de acordo com o contexto em que o aluno estava inserido aproximando o aluno do tema central da aula. O intuito desse caderno pedagógico é fornecer suporte didático para os professores, contribuindo com a diminuição dos índices de analfabetismo entre os maiores de quinze anos.

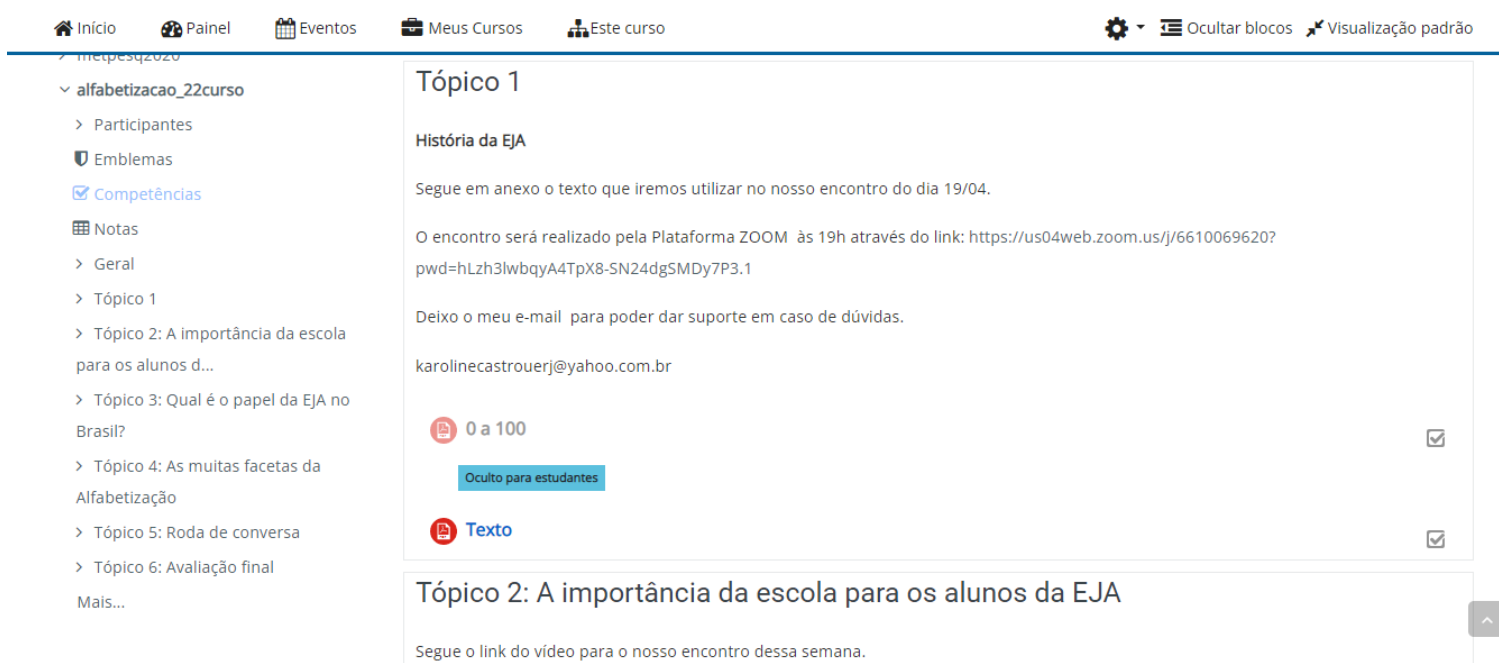
O Curso de Extensão foi organizado por mim na plataforma e, antes da divulgação das datas, eu tive que enviar o formulário para a equipe e depois montar o curso no *MOODLE*. Para não ficar um curso muito denso e cansativo, optei por colocar textos, vídeos e entrevistas, ou seja, ofereci diferentes opções para que os cursistas tivessem opção na hora de se dedicarem aos estudos. O curso foi dividido em módulos e em cada módulo abordei uma temática diferente para favorecer o diálogo na nossa roda de conversa. O formulário com a organização dos módulos segue em anexo, juntamente com o relatório de avaliação ao final do curso. Abaixo apresento o print da tela de como ficou organizado o curso.

Figura 1: Ambiente virtual de aprendizagem (*MOODLE*)



Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 2: Ambiente virtual de aprendizagem (*MOODLE*)



Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 3: Ambiente virtual de aprendizagem (MOODLE)

The screenshot shows a Moodle course interface. At the top, there is a navigation bar with icons for 'Início', 'Painel', 'Eventos', 'Meus Cursos', and 'Este curso'. On the right side of the navigation bar, there are settings for 'Ocultar blocos' and 'Visualização padrão'. On the left side, there is a sidebar menu with options: 'Importar', 'Reconfigurar', 'Banco de questões', and 'Lixeira'. The main content area is titled 'Tópico 3: Qual é o papel da EJA no Brasil?'. Below the title, there is a text block: 'Segue a entrevista com a Edilene Aguiar, especialista em EJA, SESI Nacional e Ana Paula Abreu Moura, Professora da Faculdade de Educação UFRJ'. Below this text is a video player showing a woman speaking. The video player has a play button and a title 'TEMA A NOVA EJA, DIREITO E MERCADO DE TRABALHO'. Below the video player, there is another text block: 'Após o vídeo faremos uma reflexão no encontro síncrono sobre como nós professores da EJA estamos encorajando os nossos alunos a tentarem uma transformação para suas vidas.' Below this text, there is a paragraph: 'O nosso encontro será no dia 03 de maio às 19h pela plataforma ZOOM através do link disponibilizado abaixo.' Below this paragraph, there is a URL: 'https://us04web.zoom.us/j/78896688391?pwd=fMIAsiLGRNIqTmlcYZ6ECzmjLEctEb.1'. At the bottom right of the main content area, there is a small upward arrow icon.

Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 4: Ambiente virtual de aprendizagem (MOODLE)

The screenshot shows a Moodle course interface. At the top, there is a navigation bar with icons for 'Início', 'Painel', 'Eventos', 'Meus Cursos', and 'Este curso'. On the right side of the navigation bar, there are settings for 'Ocultar blocos' and 'Visualização padrão'. On the left side, there is a sidebar menu with options: 'Administração', 'Administração do curso', 'Editar configurações', 'Ativar edição', 'Conclusão de curso', 'Usuários', 'Filtros', 'Relatórios', 'Configuração do Livro de Notas', 'Resultado da aprendizagem', 'Emblemas', 'Backup', 'Restaurar', 'Importar', and 'Reconfigurar'. The main content area is titled 'Tópico 2: A importância da escola para os alunos da EJA'. Below the title, there is a text block: 'Segue o link do vídeo para o nosso encontro dessa semana.' Below this text is a video player showing two people sitting at a table. The video player has a play button. Below the video player, there is another text block: 'O encontro será realizado pela Plataforma ZOOM no dia 26/04 (terça-feira) às 19 h através do link abaixo.' Below this paragraph, there is a URL: 'https://us04web.zoom.us/j/6610069620?pwd=hLzh3lwbqyA4TpX8-SN24dgSMDy7P3.1'. Below the URL, there is a section titled 'Tópico 3: Qual é o papel da EJA no Brasil?'. At the bottom right of the main content area, there is a small upward arrow icon.

Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 5: Ambiente virtual de aprendizagem (*MOODLE*)

The screenshot shows the Moodle interface with a navigation bar at the top containing 'Início', 'Painel', 'Eventos', 'Meus Cursos', and 'Este curso'. On the right, there are settings for 'Ocultar blocos' and 'Visualização padrão'. The main content area displays two topics:

Tópico 4: As muitas facetas da Alfabetização

Neste tópico, iremos dialogar um pouco sobre o conceito de alfabetização, a natureza do processo de alfabetização e os condicionantes desse processo à luz de Magda Soares.

Veremos também, o papel do "outro" na reconstrução do sentido do discurso.

Em anexo, estamos disponibilizando um texto que será utilizado no encontro síncrono do dia 10/05.

Esse encontro será o nosso último encontro pela Plataforma ZOOM com o grupo às 19h através do link abaixo.

https://us04web.zoom.us/j/73901451561?pwd=jAad_NF_EwPUZq8CBHX4saXFCgXOL_1

Texto

Tópico 5: Roda de conversa

Segue em anexo um arquivo com as perguntas norteadoras da nossa roda de conversa.

Até breve!!!

Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 6: Ambiente virtual de aprendizagem (*MOODLE*)

The screenshot shows the Moodle interface with a navigation bar at the top containing 'Início', 'Painel', 'Eventos', 'Meus Cursos', and 'Este curso'. On the right, there are settings for 'Ocultar blocos' and 'Visualização padrão'. The main content area displays a topic:

Roda de conversa

Tópico 6: Avaliação final

Olá, pessoal!!!

Chegamos no final dessa jornada aqui na plataforma, mas sabemos que a nossa responsabilidade enquanto educador das classes populares é muito ampla e árdua. Depende também de nós garantir a permanência e o sucesso dos alunos da EJA no espaço escolar.

Para contribuir com essa modalidade de ensino, iremos propor como tarefa de conclusão do curso que cada um elabore uma sequência didática contextualizada a partir do que foi discutido nos encontros síncronos.

O envio será feito aqui mesmo na plataforma!!

Ao final, iremos elaborar um Caderno Pedagógico com todas as sequências didáticas enviadas.

Foi um grande prazer tê-los/las conosco!! Até breve!!

Prof.ª Jorge Luiz Marques e Prof.ª Karoline Ferreira

Tarefa final

! Data de entrega 25 de maio de 2022

Fonte: arquivo pessoal da autora

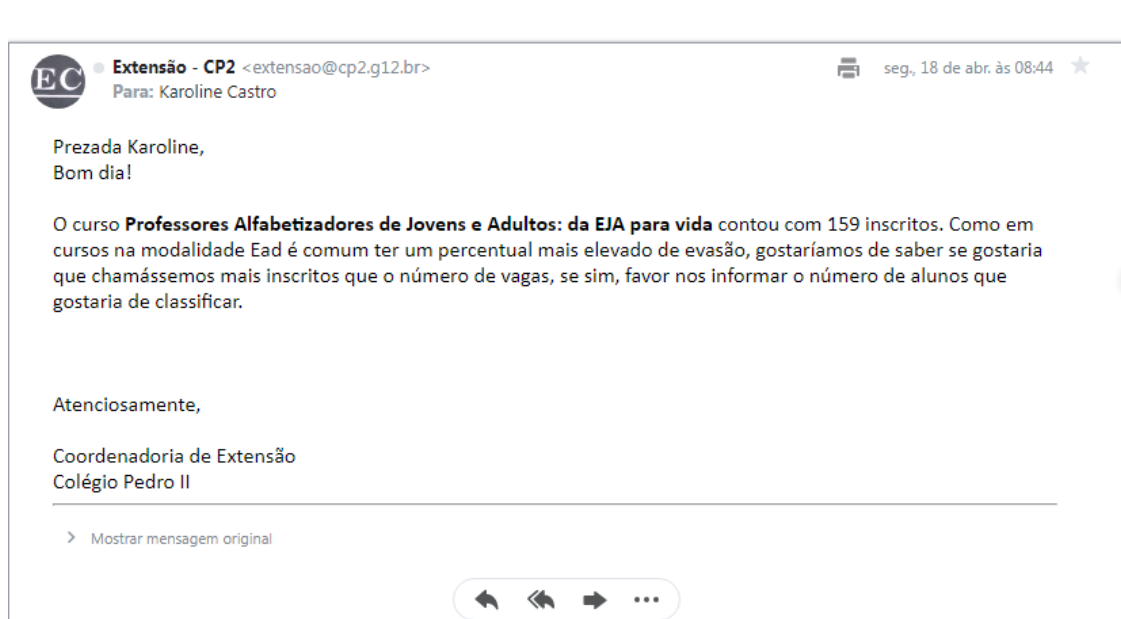
O Curso de Extensão para Professores da EJA iniciou suas inscrições com a previsão de receber até 40 professores. Entretanto, foi preciso ampliar o número de vagas para 100 professores, pois recebi 159 professores inscritos. Os outros 59 docentes ficaram em uma fila de espera, organizada de acordo com a ordem de inscrição. O curso iniciou propondo uma carga horária de 20 horas de formação continuada, colaborando com o enriquecimento de professores de diferentes prefeituras do Rio de Janeiro e de outros estados. Encerrei o curso com 32 pessoas, mas nem todas entregaram a tarefa proposta ao final do curso, levando-as à reprovação, sem direito ao certificado final.

Para minha alegria, nossas discussões nos encontros síncronos ultrapassaram as vinte horas determinadas pelo Colégio Pedro II: fechamos com uma carga horária de 24 h, pois os nossos encontros iniciavam às 18h e iam até às 20h, sempre às terças-feiras. O curso *on-line* nos permite dialogar com diferentes realidades do país inteiro. Recebemos professores do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia. Essa diversidade cultural favoreceu a permanência de um bom número de cursistas até o final das atividades. O ser humano precisa sempre de uma motivação para desenvolver as tarefas. Encontrar pessoas diferentes uma vez por semana foi o fator motivacional para garantir um número razoável de pessoas interessadas até depois do final do curso.

Além da já mencionada diversidade regional, fui abrilhantada com os diferentes moldes educacionais e experiências diversas trazidas pelos cursistas. Alunos que trabalham com a EJA do campo, EJA em classe prisional de mulheres, ONGs com EJA só para mulheres de comunidade, supervisores de algumas prefeituras, gerentes de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro. Essa troca ampla em diferentes espaços promove um momento de esperança para o rumo da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, acendendo em todos os participantes o desejo de lutar por novas políticas públicas para a modalidade. Tratando-se de um curso híbrido, no qual a maior parte das horas destinadas a ele foi no formato assíncrono, pude contemplar os professores inscritos, já que eles puderam estudar respeitando as suas necessidades, tendo acesso ao material na plataforma em qualquer momento do seu dia. Ao longo das leituras do material proposto no curso de extensão, constatou-se que uma grande dificuldade vivenciada pelos docentes é a falta de investimento em formação continuada. Logo, o curso contribuiu efetivamente para que os professores pudessem refletir sobre as práticas em sala de aula.

O Curso de Extensão foi organizado por mim e pelo meu orientador, professor doutor Jorge Luis Marques de Moraes, com o apoio da Direção de Extensão do Colégio Pedro II. No dia 6 de abril de 2022 houve a divulgação do curso no site do Colégio. No dia 8 de abril, iniciaram-se as inscrições, que se encerraram em 17 de abril. No dia 18, tive acesso à lista de inscritos. No mesmo dia, recebi um e-mail da equipe de extensão sobre a possibilidade da ampliação das vagas, já que no curso na modalidade EAD é comum termos um percentual elevado de evasão. Segue abaixo o e-mail referido:

Figura 7: print do e-mail recebido pelo setor “Curso de Extensão” Colégio Pedro II



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O Curso de Extensão foi organizado em quatro módulos: 1º) História da EJA no Brasil; 2º) Alfabetização e Letramento; 3º) Desafios da alfabetização de Jovens e Adultos ;4º) O papel do “outro” na reconstrução do sentido do discurso.

No primeiro módulo fizemos uma grande discussão sobre as Leis que garantem que os Jovens e Adultos tenham os seus direitos respeitados, nos apresentamos, dialogamos sobre a realidade da EJA nos nossos Estados e Municípios. A roda de conversa foi programada para o último bloco, mas na realidade experimentamos essa estratégia pedagógica em todos os nossos encontros. Constatamos ao final do último encontro síncrono que o professor tem a necessidade de falar e de ser ouvido pelos seus pares.

Ao contrário do primeiro dia de aula em uma turma da EJA, quando a maior parte dos alunos preferem ficar em silêncio e conhecer a turma, o espaço e o professor, no nosso curso os participantes faziam fila no chat para poderem participar do nosso diálogo. Foi maravilhoso poder aprender com tantas realidades diferentes da minha. Quantas grandes experiências compartilhamos no nosso primeiro encontro! Vi através da fala dos colegas que a Prefeitura do Rio de Janeiro e a Prefeitura de São Gonçalo não oferecem as melhores condições para os nossos alunos, mas estão mais desenvolvidas do que muitas outras localidades.

É notório que os professores querem aprender, buscam o melhor para os seus alunos, mas enfrentam grandes dificuldades que não são compatíveis com a nossa função de professor. Percebemos que, de acordo com os relatos dos colegas, o que nos falta de modo geral é um investimento sério em políticas públicas para esta modalidade de ensino. A Educação de Jovens e Adultos não merece ficar com o que sobra do ensino regular. Precisamos de um horário diferenciado, de flexibilidade na escolha do uso ou não de uniforme e dos atrasos ocorridos por questões de trabalho, precisamos de mobiliário compatível com o tamanho do adulto que frequenta a nossa classe, de um planejamento atrativo para prender a atenção desse público pelas horas de aula, pelo abono das faltas em virtude do não comparecimento por questões laborais.

Em suma, a EJA necessita de um espaço escolar que se preocupe realmente com os discentes que não conseguiram concluir os seus estudos na idade ideal. No final do módulo I postei o texto de Magda Soares falando sobre “As muitas facetas da alfabetização.” Comentei com os colegas que sempre ao final de cada encontro eu falaria sobre o conteúdo da plataforma para o encontro seguinte. Essa estratégia serviu para situar os cursistas em relação ao que eles iriam estudar durante a semana para o próximo encontro. Essa estratégia foi utilizada com os professores do curso, mas também pode ser aplicada na turma da EJA. Como os alunos são adultos, ajudá-los a planejar o encontro seguinte desperta o interesse no aluno para seguir uma frequência. Um dia é a continuação do outro. Manter essa organização na sequência dos conteúdos pensados para esse público é buscar sempre uma aproximação com a realidade deles.

A maioria dos nossos discentes assistem novelas na TV. As novelas também têm uma sequência nos acontecimentos. Encerrar a aula com uma novidade ou com uma proposta de atividade prática é uma forma de mexer com a curiosidade deles.

No módulo II, antes de conversar sobre Alfabetização e Letramento, assistimos a uma entrevista com dois ex alunos da EJA, pois alguns alunos não tiveram tempo de assistir. Sem

saber o conteúdo da entrevista, não iam conseguir conversar sobre. O vídeo disponível na plataforma, norteou a nossa discussão e, a partir do que foi exposto na entrevista, continuamos o nosso diálogo sobre “Do que mais você sente saudade da escola?” Essa atividade trabalha com a memória de todos nós, independente do nosso grau de escolaridade.

Todos nós temos boas e más lembranças do nosso período escolar. Alguns ainda temos colegas dessa época, amigos tão chegados que já fazem parte da nossa rotina familiar. Isso ocorre quando estamos tanto no lugar de professores como de alunos. Cada um de nós possui aquele querido professor que foi muito importante para a nossa formação. Refletir sobre isso em um grupo de professores pode ser tão emocionante quanto em um grupo só de alunos. Muitos dos nossos alunos da EJA nos têm como um exemplo de força e resistência. Às vezes, eles nos imaginam com superpoderes, como se nada nos abalasse ou tudo que falamos é o que está certo.

Comentei com o grupo que para tirar um pouco dessa minha responsabilidade de ser sempre uma super-heroína, eu escrevo alguns resultados errados das contas para que os meus alunos possam me corrigir. Com isso, eles vão aos poucos desconstruindo que nós, professores, somos seres sobrenaturais e começam a entender o erro como algo natural.

A conversa sobre a pergunta do módulo II foi muito interessante, pois cada um dos cursistas relatou uma experiência marcante sobre o seu processo escolar. Eu também partilhei momentos interessantes com o grupo. Relatar algo que ocorreu no nosso passado para pessoas desconhecidas não é uma tarefa fácil para ninguém. Então, para que os nossos alunos sintam-se confortáveis é necessário que primeiro nós, professores, relatem a nossa experiência escolar. Ao ouvir o relato do outro, a vontade de partilhar a sua experiência aumenta. Os alunos sentem-se encorajados a falar. Assim como as crianças, nós, adultos, também temos o nosso momento de imaginação. Em alguns momentos o relato de experiência pode não ser totalmente verídico, pois a pessoa acaba falando com o calor da emoção.

No módulo III, a proposta para o MOODLE foi colocar uma entrevista sobre: A nova EJA, direito e mercado de trabalho com a Edilene Aguiar, especialista em EJA, SESI Nacional e Ana Paula Abreu Moura, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A entrevista foi publicada no MOODLE e no dia do terceiro encontro síncrono tivemos o privilégio de poder contar com a Professora Ana Paula Moura no *meet* para uma conversa sobre qual é o papel da EJA no Brasil. A frase norteadora deixada no MOODLE para

a roda de conversa foi: como nós, professores da EJA estamos encorajando os nossos alunos a tentarem uma transformação para suas vidas?

A presença da Professora Ana Paula Moura foi muito importante para esclarecer dúvidas de alguns cursistas sobre a organização das disciplinas da EJA oferecidas pelas universidades públicas do Rio de Janeiro. Ela mencionou que o maior quantitativo de disciplinas obrigatórias e eletivas ainda fica centralizada no curso de Pedagogia, mas que os alunos das demais licenciaturas podem fazer as disciplinas relacionadas a EJA como eletivas.

O módulo IV do Curso de Extensão foi destinado à discussão sobre as muitas facetas da alfabetização, conceito de alfabetização, a natureza do processo de alfabetização e os condicionantes desse processo à luz de Magda Soares. O texto ficou no MOODLE para que os alunos pudessem ter acesso ao conteúdo antes do encontro síncrono. Após a discussão do texto, fizemos um recorte sobre a proposta do trabalho final do curso que será uma atividade contextualizada para a modalidade EJA em uma turma de alfabetização. Essa atividade compôs o meu Produto Educacional. Esse foi o último módulo do Curso de Extensão na plataforma, entretanto, os cursistas pediram mais dois encontros síncronos extras no *Meet*.

O quinto encontro foi uma explanação sobre a avaliação final do curso, em que foram abordadas as possibilidades e temas relevantes para a elaboração da sequência de atividades. Os cursistas levantaram alguns conteúdos importantes e que fazem parte do currículo mínimo da EJA, como questão étnico-racial, formação de palavras, dígrafos, verbos, frases, orações, gênero textual, tipo de texto, valor monetário, adição e subtração, cálculo mental, alimentação saudável, sedentarismo, entre outros.

O sexto e último encontro síncrono foi uma conversa guiada com a professora mestra Cristiane Oliveira, professora da EJA na Bahia que se inscreveu no curso de extensão e acabou contribuindo efetivamente com a sua experiência de vida e conhecimentos acadêmicos com o nosso grupo de *WhatsApp* e curso de extensão. Nesse encontro, Cristiane nos explicou como funciona a EJA no seu Estado e as vitórias que eles têm alcançado através de diálogo e luta coletiva de professores com as esferas governamentais. Através da exposição da professora, percebe-se que, quando temos um grupo de luta sólido e coeso, colhem-se bons frutos.

Após o envio das atividades na plataforma, fiz a correção e enviei o relatório com o nome dos aprovados para a equipe de Extensão; a partir daí, os alunos receberam o certificado de participação emitido pelo Colégio Pedro II.

O Produto Educacional começou a ganhar cor e forma a partir do resultado obtido com o Curso de Extensão. Ele possui 25 atividades diversas, englobando temas que fazem parte da vida do público alvo dessa pesquisa. O produto educacional completo pode ser consultado no acervo do Colégio Pedro II através do site www.cp2.g12.br/blog/mpcp2/produtos-educacionais. Ele foi desenvolvido em formato de Caderno Pedagógico e disponibilizado para análise da banca de defesa. Abaixo segue a capa.

Figura 8: capa do Produto Educacional



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Nessa perspectiva, o presente estudo elaborou um Caderno Pedagógico com conteúdos organizados através de uma sequência didática à luz dos ensinamentos de Rildo Cosson. O trabalho possui contribuições coletivas acerca dos recursos didáticos utilizados na EJA. Por ser um recurso pedagógico voltado para a Educação de Jovens e Adultos, esse material pretende desenvolver várias habilidades dos alunos, tais como raciocínio lógico, memória, atenção e criatividade dentro da proposta de Letramento.

A escolha dos materiais e atividades pedagógicas que compõem as páginas dessa Sequência Didática para a EJA aconteceu através de um planejamento prévio, observando os objetivos dos recursos e atividades de modo a contemplar o público-alvo dessa pesquisa, entendendo suas particularidades e necessidades enquanto estudante. A aplicação desse

material surge da necessidade de renovar as relações com o aprender na Educação de Jovens e Adultos, trazendo motivação para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, garantindo momentos de diálogo, reflexão e interação entre a turma e o docente.

O Produto Educacional é uma sequência didática organizada a partir das contribuições do material apresentado aos professores inscritos no Curso de Extensão que atuam na Educação de Jovens e Adultos. Esse critério foi adotado para que as sugestões desse grupo contribuam efetivamente para a divulgação do trabalho. Com isso, a escolha e a elaboração do material tornam-se mais efetivas gerando, através do diálogo, novas propostas para o processo de Letramento.

O intuito dessa ação foi auxiliar o docente na utilização e replicabilidade dessa ferramenta pedagógica, em sala de aula, viabilizando ganhos educativos para os alunos da EJA. Após a defesa e ajustes gráficos, o Produto Educacional será disponibilizado na plataforma da instituição, como é praxe do programa.

4.1 Etapas de construção

- Planejamento da composição dos módulos do curso.
- Divisão dos encontros em síncronos e assíncronos, de acordo com o material disponível na plataforma. Foram quatro textos divididos para quatro módulos, todos estão dentro da perspectiva da EJA. Os professores tiveram à sua disposição os textos organizados na Plataforma MOODLE, podendo revisitá-los até o final das 24 h totais do curso.
- Os quatro encontros síncronos foram realizados via *ZOOM*, com duração mínima de 2 horas, e cujo objetivo foi a confecção coletiva do Caderno Pedagógico a partir do diálogo e da troca de experiência entre os participantes.
- Planejamento da composição dos textos disponibilizados na plataforma para o Curso de Extensão dos Professores da EJA.
- Confecção da sequência didática como requisito de trabalho final do curso.
- Análise dos questionários e dos gráficos gerados pela ferramenta *google formulário*.

- Utilização dos encontros síncronos para a roda de conversa, conforme sugerido pela Professora Doutora Márcia Tereza Fonseca Almeida, substituindo a entrevista, instrumento pensando na época da qualificação, oferecendo um conforto maior para os cursistas, garantindo a leveza do encontro através da escuta ativa repleta de afeto.
- Organização do Caderno Pedagógico após a avaliação final do curso.

4.2 Construindo o Caderno Pedagógico

A elaboração de um material contextualizado focado em atividades lúdicas e que despertem a atenção e curiosidade do público-alvo dessa pesquisa exigiu um esforço enorme, pois quando pensamos em criar uma ruptura com o que já está internalizado e faz parte da rotina, gera uma dificuldade de permitir elaborar novas propostas.

É necessário ressaltar que o Produto Educacional foi elaborado por mim, embora apontamentos e colaborações dos professores que participaram do Curso de Extensão tenham sido levados em conta na confecção do material. Cabe ainda ressaltar que nem todas as propostas enviadas pelos cursistas puderam ser aproveitadas na elaboração das sequências didáticas, pois algumas não se coadunavam com o que foi apresentado teoricamente pela professora. Esta realidade reflete o que afirma a professora Jaqueline Luzia da Silva (2013), a saber, o fato de ser necessário que a formação de educadores pense sobre o tempo necessário ao aprofundamento de estudos como, por exemplo, quem são os sujeitos da EJA, quais são suas especificidades e como constroem conhecimentos.

Segue abaixo a tabela com as atividades:

Figura 9: quadro de atividades Produto Educacional

Tema	Atividade	Conteúdo	Procedimento
Origem do Nome	Registro Geral	Nome completo Filiação Data de nascimento Endereço História do nome	Leitura e identificação de dados importantes nos documentos de identificação civil. Ler o QR Code com a história do seu próprio nome. Preencher RG.

Tema	Atividade	Conteúdo	Procedimento
	Certidão de Nascimento	Nome completo Filiação Data de nascimento Endereço História do nome	Leitura e identificação de dados importantes nos documentos de identificação civil. Ler o QR Code com a história do seu próprio nome. Preencher certidão de nascimento.
	Gráficos	Quantidade de letras conceito de mais/menos ordem alfabética das palavras	Lista de nomes comuns para leitura. Quantificar as letras em cada nome. Preencher o gráfico de acordo com a quantidade de letras nos nomes. Colocar os nomes em ordem alfabética.
Jogo da Forca	Jogo da Forca	Interpretação da música Vogais Marcas	Música: Diariamente (Marisa Monte), leitura e interpretação. Encontrar algumas marcas que aparecem na música. Cruzadinha dos substantivos.
Remédios alopáticos e plantas medicinais	Liga ervas	Tipo de plantas medicinais Benefícios das plantas medicinais para saúde Remédios alopáticos Cores das tarjas nas embalagens dos remédios.	Ligar a imagem ao nome da planta. Diferenciar as cores das tarjas nas embalagens dos remédios alopáticos.
	Caixa de primeiros socorros	Gênero textual: bula de remédio Prefixo Sufixo Ampliação do repertório escrito	Doação de itens para compor a caixa. Organização da caixa com o nome dos itens descritos na legenda. Recortar e colar imagens para organizar a caixa de primeiros socorros.
Outubro Rosa	Cartaz Autoexame das mamas Caça palavras dos sintomas	Saúde da mulher Câncer de mama Prevenção Sintomas Tratamento	Achar os sintomas do câncer de mama no diagrama. Enumerar algumas formas de prevenção. Confecção de cartazes informativos.
Receita de brigadeiro de	Receita de brigadeiro de	Gênero textual: receita Unidades de medida	Identificar os ingredientes e modo de preparo de uma receita.

Tema	Atividade	Conteúdo	Procedimento
casca de banana	casca de banana	Quantidade Reaproveitamento de alimentos	Confeccionar a receita na escola ou em casa. Listar os ingredientes e resumir o modo de preparo
Dona de mim	Quadro de palavras	Leitura e escrita de palavras Leitura e interpretação da música: “Dona de mim” (Iza) Empoderamento feminino Conceito de Sororidade	Frases motivacionais relacionadas ao empoderamento feminino. Confecção de um mural coletivo. Atividade de escrita
Chá com Cora Coralina	Chá com Cora Coralina	Gênero textual: poesia Verso Estrofe Leitura e interpretação Texto biográfico	Atividade de escrita e leitura coletiva. Diferença entre verso e estrofe dentro da poesia. Biografia da autora Cora Coralina.
Cálculos monetários	Cálculos monetários	Valor monetário Apresentação das cédulas com os seus respectivos valores. Troco Desconto Multiplicação	Levantamento de valores de diferentes supermercados próximos à residência ou ao trabalho. Multiplicação da quantidade de produtos; Aprendendo a receber o troco.
	Problemas matemáticos	Cédulas Sistema monetário Adição Subtração	Atividades envolvendo raciocínio lógico-matemático.
Roleta das emoções	Roleta das emoções	Leitura e interpretação da música “Sorria”, interpretada por Djavan Dígrafos Sentimentos	Leitura e escrita de palavras relacionadas a música. Interpretação da letra da música Sorri do cantor Djavan. Jogo roleta das emoções.

Tema	Atividade	Conteúdo	Procedimento
Palavra geradora BELEZA	Palavra geradora BELEZA	Ampliação do vocabulário escrito Leitura de palavras Letras b, l e z	Apropriação do vocabulário criado a partir da palavra geradora BELEZA. Escrita de novas palavras e frases. Caça- palavras.
Maria de verdade	Maria de verdade - Marisa Monte	Verbos Infinitivo Particípio Leitura e interpretação da música “Maria de verdade”	Conceito de verbo e apresentação dos tempos verbais (presente, passado, futuro) Formas nominais do verbo: infinitivo e particípio.
Acróstico das comidas africanas	Acróstico das comidas africanas	Questões étnico-raciais Lista de comidas típicas de países do continente africano Ampliação do repertório vocabular	Comidas: feijoada, mungunzá, quiabo, cuscuz e cocada
Exercendo a cidadania	Uso do aplicativo e-título	Interpretação dos dados pessoais Leitura e interpretação da música “Admirável chip novo” (Pitty) Preenchimento de formulário no aplicativo	Preencher formulário de Justificativa eleitoral no aplicativo e-título. Leitura e interpretação da música Admirável chip Novo.
Caça esportes	Caça esportes	Modalidade esportiva Ampliação do vocabulário	Listar esportes e suas respectivas regras. Escrita de palavras nas atividades propostas.
	Placar de futebol	Quantidade de gols Conceito de menos x mais	Responder as questões das atividades retirando os dados apresentados no texto e no placar (imagem).
Jogo da Memória	Jogo da Memória	Ampliação de vocabulário relacionado à construção civil Substantivo	Encontrar o desenho relacionado ao nome da palavra no jogo da memória.

Tema	Atividade	Conteúdo	Procedimento
		Diferentes tipos de frases	
Quiz	Quiz	Alimentação saudável Classe dos alimentos Importância da água para a saúde dos seres humano	Responder às perguntas propostas no quiz na folha e/ou fazer a leitura do QR Code
Balões do sedentarismo	Balões do sedentarismo	Má alimentação Doenças geradas a partir do sedentarismo Dicas para sair do sedentarismo	Vídeo sobre o sedentarismo. Texto informativo. Escrita das doenças causadas pelo sedentarismo. Jogo de balões do sedentarismo.

Fonte: A autora

5. ANÁLISE E RESULTADOS AVALIATIVOS DA APLICAÇÃO

Os dados coletados foram analisados de duas formas: as entrevistas através da análise de discurso, e os questionários por análise estatística. Segundo Fiorin (1988, p.36), a análise de discurso parte da mensagem “que não existe a visão de mundo de uma classe social desvinculada da linguagem, e as figuras concretizam os temas que circulam nas classes de uma sociedade”. Por isso, o discurso é social; a individualidade manifesta-se na liberdade de textualização. Ainda segundo o autor, é necessário que junto à mensagem seja analisado o contexto em que ele foi emitido e as circunstâncias sociais e econômicas de quem emite a mensagem. Pretende-se, a partir dessa análise, saber sobre o conhecimento da temática pelos participantes, se estão satisfeitos ou não com o papel da escola e com o material utilizado nas aulas e quais são as percepções dessa clientela acerca da temática dessa pesquisa. Fiorin (1988) alia o prazer da descoberta com o rigor científico da análise.

De acordo com Fiorin (1988), a Análise do Discurso pretende analisar as práticas verbais de uma sociedade. O texto é algo passível de inúmeras interpretações quando não se delimita um espaço para diversas formas de se fazer, ou seja, o texto que admite interpretações diversas possui indicadores, não está associado unicamente ao arbítrio do leitor, mas das marcas de linguagens presentes no texto.

Entende-se hoje que o texto é a materialidade do discurso e a linguagem marca a posição social. Nesse tipo de análise, o pesquisador faz a sua investigação influenciado pelas suas experiências, suas crenças e sua criação. Entretanto, o pesquisador não consegue permanecer totalmente neutro ao discurso, mas precisa utilizar a coerência não usando o seu ponto de vista absoluto durante a análise dos instrumentos de pesquisa.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 1999, p.28)

Ao escolher a análise de discurso para coletar os dados das entrevistas individuais, pretendo seguir o conceito de Orlandi (1999) e não apenas observar a transcrição das palavras, pois a fala é complementada com as expressões faciais e gestos corporais que também são

levados em conta no momento da análise desse tipo de dado. A exterioridade deve ser uma condição fundamental de produção. De acordo com Orlandi (1999), todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação).

Como essa pesquisa é focada na análise qualitativa e quantitativa dos dados, observamos, na metodologia de análise de dados, como a relação social de poder se constrói no plano discursivo.

Utilizamos o mosaico de citações de Mainguenu (1984), no qual há uma rede de troca discursiva em que todos os participantes participam do discurso. As convenções são negociadas pelos participantes e não impostas. Logo, se na roda de conversa os professores não quisessem responder alguma das perguntas, essa poderia ficar sem resposta, ou ainda, se durante a entrevista os participantes quisessem mudar a ordem, poderiam fazê-lo durante a troca discursiva.

O presente trabalho seguiu então três etapas na análise de discurso, a saber, coleta de dados, análise propriamente dita e resultado. Na coleta de dados foi construído um objeto discursivo a partir do *corpus* de pesquisa (conjunto de sequências discursivas alinhadas ao objetivo de pesquisa). A análise foi feita de acordo com os referenciais escolhidos e os resultados foram obtidos ponderando sobre os efeitos das relações discursivas e dos efeitos de sentido na sociedade.

Para realizar a análise estatística dos gráficos, utilizei um software para diminuir a margem de erro. Através da própria ferramenta do *google forms*, quando os participantes da pesquisa enviarem os questionários respondidos, o programa fez a análise através da organização de gráficos e com a possibilidade de fornecer dados com porcentagem. Essa organização numérica facilitou quando precisei quantificar os resultados obtidos na pesquisa.

Os instrumentos de coletas de dados para essa pesquisa a priori foram: um questionário semiestruturado e uma entrevista que seria realizada através da plataforma de reunião *zoom*. Após a qualificação, a professora doutora Márcia Tereza Fonseca Almeida sugeriu organizar uma roda de conversa com os professores participantes da pesquisa e assim foi feito. Com a roda de conversa o participante fica mais confortável em participar do diálogo proposto, já que as perguntas são direcionadas ao grupo e não apenas a um participante por vez. Dessa forma,

ao ouvir a experiência do outro, o participante acabou se encorajando e participando com suas experiências em sala durante a reunião ao vivo do Curso de Extensão.

Nos quatro encontros síncronos tivemos a participação de muitos alunos partilhando suas práticas, desafios, fragilidades, resistências e medo. A participação foi tão efetiva que os encontros duravam, em geral, o dobro do tempo estabelecido no ato da inscrição. Essas trocas foram tão enriquecedoras que hoje temos um grupo de estudos iniciado pela ocasião do curso.

De acordo com Moran, “aprendemos mais quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática; quando ambas se alimentam mutuamente” (2000, p.24). Foi exatamente assim que ocorreu em nossas rodas de conversas. As angústias passaram a ser coletivas, os desafios eram superados através do nosso diálogo no encontro e o sucesso fruto do diálogo coletivo.

5.1 Análise Quantitativa

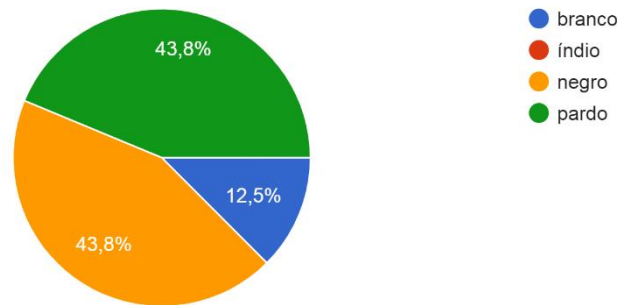
Vou iniciar a análise quantitativa do questionário onde mostrarei os gráficos das respostas fechadas e a análise da última resposta de acordo com o que os cursistas responderam. O questionário foi organizado através do *google forms*, ferramenta capaz de armazenar as respostas de muitos participantes e de organizar os dados quantitativos através de gráficos numéricos. Os gráficos foram copiados a partir das respostas obtidas com os questionários e compiladas aqui na análise de dados. O questionário encontra-se no apêndice A dessa dissertação. Recebi 16 respostas no total.

A questão 1 foi relacionada a cor da pele do cursista e cada um se declarou da maneira que se enxerga de acordo com o gráfico abaixo.

Figura 10: gráfico com a resposta da questão1, questionário semiestruturado

1) Como você se autodeclara?

16 respostas



Fonte: *google forms*

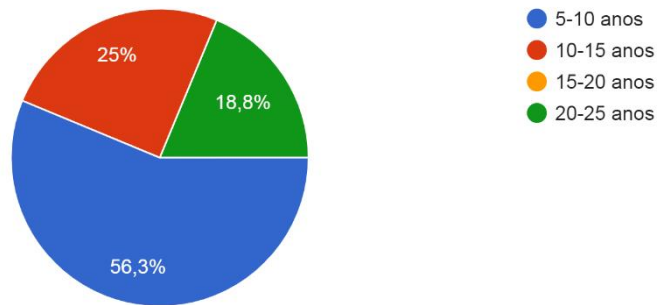
Observa-se que apenas 12, 5% dos cursistas são brancos e que houve empate entre professores brancos e pardos, totalizando 43,8% das pessoas que quiseram responder ao questionário.

A questão 2 foi relacionada ao tempo de experiência no magistério. Conseguimos observar que o grupo de cursistas que respondeu ao questionário possui predominantemente uma experiência em sala de aula no intervalo entre 5 e 10 anos. Com isso, conseguimos entender os grandes desafios enfrentados por esse grupo de professores relativamente novos na Educação de Jovens e Adultos.

Figura 11. Gráfico com a resposta da questão 2 ,do questionário semiestruturado.

2) Há quantos anos atua no magistério?

16 respostas



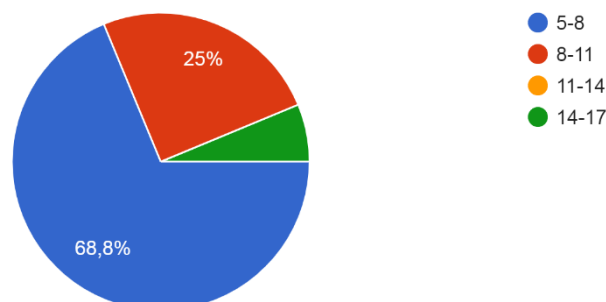
Fonte: *google forms*

Ao elaborar a terceira questão, pensei que muitos professores iam responder que já estão há mais tempo atuando como docente no Ensino Regular e que está há menos tempo na EJA. Entretanto, os dados nos mostram que alguns professores estão somente há 5-10 anos no magistério e na sua grande maioria possui experiência e anos de dedicação na EJA. Apenas 1 aluno respondeu que tem entre 14-17 anos atuando diretamente na EJA, totalizando 6,3% do total das respostas (a marcação em verde); 4 alunos possuem uma experiência entre 8 a 11 anos, totalizando 25% do total, e 11 alunos disseram que possuem somente de 5 a 8 anos de experiência na EJA, totalizando a maioria das respostas, com 68,8%.

Figura 12: gráfico com a resposta da questão 3, do questionário semiestruturado.

3) Há quantos anos atua diretamente como DOCENTE da EJA?

16 respostas



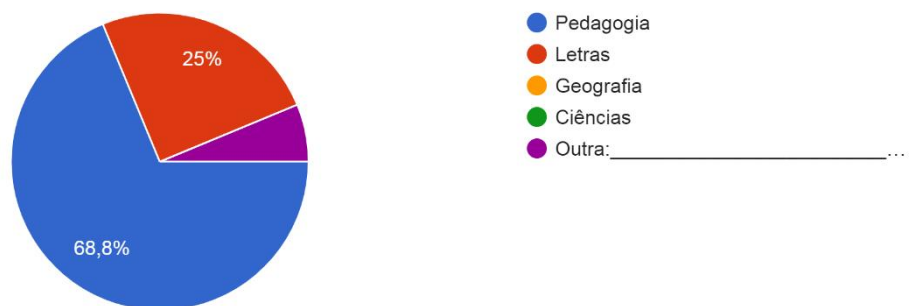
Fonte: *google forms*

A quarta questão estava relacionada à formação acadêmica do cursista. A maioria marcou a opção Pedagogia como formação inicial, totalizando 68,8% dos inscritos. A segunda opção mais escolhida entre os cursistas foi o curso de Letras, totalizando 4 cursistas e 25% das respostas.

Figura 13: gráfico com a resposta da questão 4, do questionário semiestruturado.

4) Qual foi a sua graduação?

16 respostas



Fonte: *google forms*

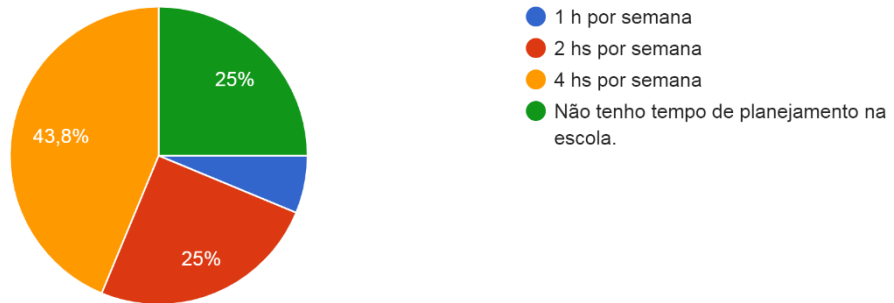
A quinta questão foi relacionada ao tempo de planejamento que o professor da EJA tem para organizar a sua prática pedagógica com os seus pares na escola, pensando o currículo, a heterogeneidade dos alunos e recursos para alcançar grande parte dos seus alunos. Embora o tempo de planejamento seja uma vitória conquistada com muita luta na Prefeitura do Rio de Janeiro, pode-se observar que ainda está longe de ser o ideal para a realidade de muitos professores, principalmente para os professores inscritos no curso de extensão.

Menos da metade possui as 4h semanais que deveriam ser dedicadas ao planejamento dos alunos da EJA, gerando um total de 43,8% do total de participantes. Vale destacar que esse curso recebeu participantes de diferentes estados do Brasil e que cada estado possui a sua especificidade e demanda de trabalho. Ainda temos 4 professores, gerando um total de 25%, que não possuem a garantia de planejamento dentro ou fora do ambiente escolar. Esses professores não conseguem tempo para trocarem com os seus pares, precisam dialogar via *WhatsApp* ou no horário do intervalo, pois a escola não disponibiliza esse momento de interação tão necessários ao crescimento de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Figura 14: gráfico com a resposta da questão 5, do questionário semiestruturado.

5) Quantas horas semanais você tem para planejar as suas aulas na escola?

16 respostas



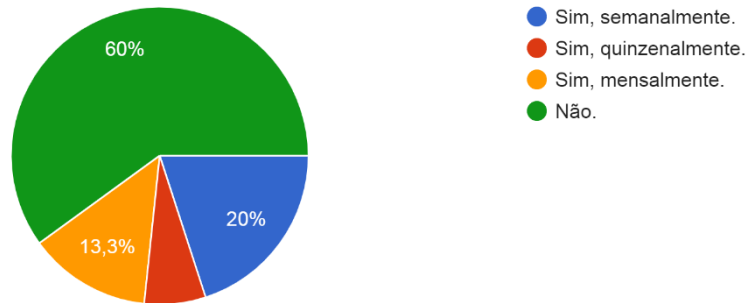
Fonte: *google forms*

A questão 6 está relacionada à formação continuada que a escola de origem desses professores oferece ou não para eles. A resposta da maioria me surpreendeu, pois mais da metade dos inscritos responderam que não possuem formação na sua área de atuação, EJA, totalizando 9 alunos, correspondendo a 60% do total. Esse número é elevado, pois como os professores irão garantir uma educação de qualidade se não são capacitados para assumirem a demanda? É através da formação continuada e do diálogo que os professores modificam e aprimoram as suas ações em sala com os discentes. Sem isso, esses professores irão fazer sempre a mesma coisa, independente dessas ações estarem impróprias ou não para o seu grupo de formação. Apenas 3 pessoas marcaram que possuem formação semanalmente, uma quinzenalmente e duas apenas mensalmente. Esses dados mostram a importância que o Curso de Extensão oferecido para os professores da EJA na modalidade EAD teve para os professores.

Figura 15: gráfico com a resposta da questão 6, do questionário semiestruturado.

6) A sua escola de origem possui formação voltada para o nosso público-alvo?

15 respostas



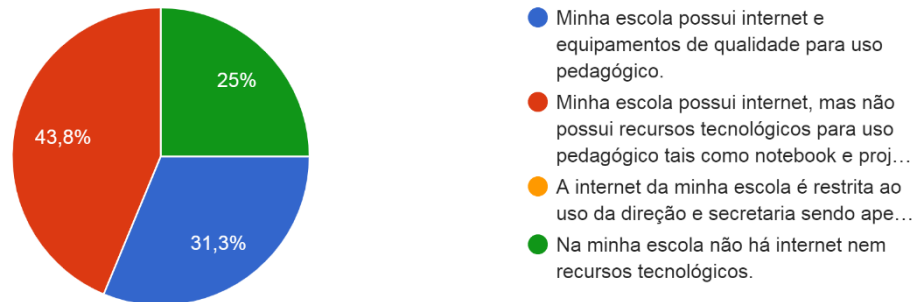
Fonte: *google forms*

A questão 7 foi sobre os recursos tecnológicos ofertados pelas escolas que os professores inscritos no curso atuam. Mesmo com todo avanço tecnológico vivido nos últimos tempos, ainda tivemos quatro respostas, totalizando 25% do total, que a escola não possui internet nem quaisquer outros recursos tecnológicos capazes de facilitar o trabalho docente. Temos algumas respostas positivas sobre os recursos tecnológicos, nas quais 5 professores afirmam que a escola possui internet e recursos tecnológicos para serem usados com os alunos. Esse quantitativo ainda é pouco, mas soma 31,3% das respostas obtidas. Aos poucos as verbas tecnológicas vêm chegando para a Educação no Brasil de uma forma bem lenta. A maioria dos cursistas afirmam que a escola possui internet, mas não possui os recursos tecnológicos.

Figura16: gráfico com a resposta da questão 7, do questionário semiestruturado.

7) A sua escola possui recursos tecnológicos acessíveis capazes de contribuir positivamente com as suas aulas?

16 respostas



Fonte: *google forms*

Na questão 8 o cursista deveria responder sobre os seus maiores desafios extrapedagógicos enfrentados na EJA diariamente. Recebi 7 respostas, totalizando 46,7% dos cursistas afirmando que a falta de recursos pedagógicos é um obstáculo diário na escola em que lecionam. Quatro professores responderam que a presença de muitos alunos especiais sem o profissional de apoio dificulta bastante, gerando um total de 26,7%. Três cursistas responderam que os alunos faltosos atrapalham um pouco o andamento da turma, gerando um total de 20% e apenas um professor respondeu que a disciplina tem sido o seu maior desafio enquanto docente da EJA, o equivalente a 6,7% do total de respostas obtidas com o questionário.

Figura 17: gráfico com a resposta da questão 8, do questionário semiestruturado.

8) Qual é o maior obstáculo extra pedagógico enfrentado por você diariamente na EJA?

15 respostas



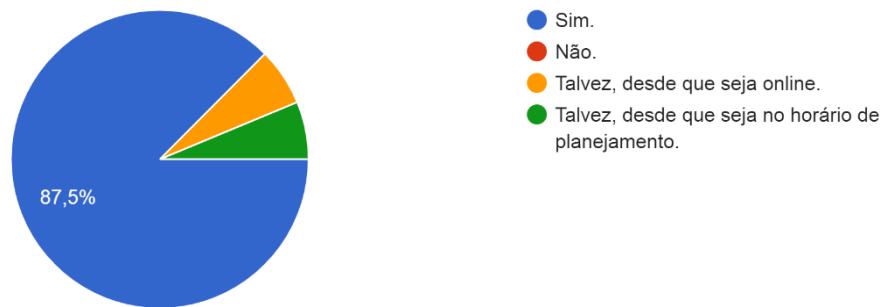
Fonte: *google forms*

O nono item foi a última pergunta do questionário de múltipla escolha. Nela foi perguntado sobre o interesse do cursista em participar de um curso de formação continuada. A maioria dos inscritos no Curso de Extensão respondeu que sim, gerando um total de 14 pessoas, 87,5%. Uma pessoa respondeu que gostaria de participar desde que fosse no horário do planejamento, gerando um total de 6,3%. Já outro cursista respondeu sim também desde que seja em formato on-line, gerando um percentual de 6,3% para essa resposta. Ao fazer a análise dessas respostas, constatamos que o professor entende a necessidade de continuar buscando novas alternativas para suas turmas e que este profissional entende que a cada dia novas práticas são necessárias para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem inclusive na EJA. Assim sendo, o professor ativo precisa cobrar das suas lideranças políticas públicas capazes de suprir essa necessidade em cada rede que atuam, já que a educação de qualidade é um direito adquirido para TODOS os alunos da Educação Básica.

Figura 18: gráfico com a resposta da questão 9, do questionário semiestruturado.

9) Você gostaria de participar de um curso de formação continuada?

16 respostas



Fonte: *google forms*

A última questão elaborada nesse questionário foi uma proposta discursiva: nela o cursista iria escrever um pouco sobre sua turma atual, revelando seus desafios na alfabetização de Jovens e Adultos. Alguns desafios nas respostas a essa última questão se repetem, tais como a evasão, a falta de dinheiro para o transporte – quando há problemas com o cartão da passagem –, o cansaço físico dos alunos e dos professores após uma jornada intensa de trabalho. A baixa autoestima também apareceu em algumas respostas. A baixa visão apareceu na resposta de uma cursista que atende um grupo de mulheres na comunidade da Maré com idades entre 50 e 70

5.2 Análise Qualitativa

A roda de conversa foi realizada nos encontros síncronos que foram gravados. Irei transcrever trechos da roda de conversa identificando os cursistas seguindo a ordem das letras do alfabeto, garantindo assim o sigilo das informações transcritas da gravação.

Vale ressaltar que embora a sala estivesse com um bom número de participantes, algumas experiências se repetiram e outros optaram por somente ouvir os diálogos. Todos os inscritos são professores e em alguns momentos a nossa roda de conversa sofreu com fatores externos e alheios as nossas vontades, tais como instabilidade na internet, trânsito no retorno para casa, impossibilitando a participação ativa do aluno no encontro, falta do professor extra que ficaria com a turma para que o cursista tivesse condições de participar integralmente da aula, falta de bateria no celular e/ou no computador que seria utilizado para o acompanhamento do encontro. Esses obstáculos foram justificados via *whatsApp* pelo cursista, via e-mail ou no chat da Plataforma MOODLE do Colégio Pedro II.

Para diminuir a nossa distância física, optamos por criar um grupo de WhatsApp. Nesse grupo eu sempre escrevia o lembrete com o horário das reuniões e o novo link era disponibilizando antes do horário do encontro.

Como já dito, os cursistas não terão seus nomes divulgados com o objetivo único de preservar a identidade dos mesmos e eles receberam nomes de acordo com a ordem das letras do alfabeto. Logo teremos A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N e O.

O primeiro encontro síncrono foi uma apresentação geral no qual cada cursista falou para o grupo o seu campo de atuação, o estado onde morava e a escola que atuava. Como o primeiro encontro foi marcado por uma quantidade grande de cursistas, selecionamos cinco minutos de fala para cinco cursistas e os demais cursistas se apresentaram no Fórum da Plataforma do Curso de Extensão. Seguem as apresentações do primeiro encontro.

A - Trabalha com a Educação de Jovens e Adultos, professora da Prefeitura do Rio de Janeiro, lotada na 9ª CRE.

B- Coordenadora da EJA em Nilo Peçanha, Bahia.

C- Trabalha como coordenador da EJA na Prefeitura de Niterói, estado do Rio de Janeiro.

D- Prefeitura de São Paulo

E- Trabalha como gerente da 3ª CRE, Prefeitura do Rio de Janeiro.

No segundo encontro síncrono conversamos um pouco sobre a entrevista dos alunos que saíram da EJA, sobre do que esses alunos sentem saudades. A maioria respondeu que, ao retornarem para a escola, os alunos relatam sentirem saudades do contato diário com o professor, da troca com os demais colegas, dos eventos organizados pela escola e sentem falta também da merenda.

Os cursistas F, G e H relataram que a comida faz bastante falta para a comunidade carente onde atuam. Acaba sendo a única refeição bem elaborada que os discentes fazem ao longo do dia.

No terceiro encontro síncrono recebemos a professora Ana Paula Moraes, do departamento de Educação da UFRJ, e esse encontro precisou ser estendido para 2h, pois os cursistas tinham muitas questões a serem levantadas. A docente, por sua vez, mostrou-se muito acolhedora as dúvidas deles e respondeu a todos com muita empatia, colocando-se à disposição para ajudar, compartilhando materiais relacionados a alfabetização da EJA, propondo eventos de capacitação para professores. Além do enorme apoio aos cursistas, a professora falou um pouco sobre a sua experiência na EJA e sobre as aulas que acompanha hoje das suas alunas na disciplina de Prática Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos.

“Eu possuo uma turma com senhoras que estão juntas há 8 anos e foram promovidas à série seguinte mesmo sem saber ler”. (Cursista A)

Embora essa tenha sido uma questão levantada pela Cursista A, vários cursistas relataram o mesmo problema nas suas Unidades de Ensino. Isso ocorreu principalmente no período da pandemia, quando, independente do estado ou prefeitura, grande parte dos alunos eram promovidos à série seguinte apenas por entrarem em contato com o professor por WhatsApp ou e-mail. Quem respondia minimamente o contato estava aprovado, independentemente de ter realizado as atividades propostas para o período.

A cursista B, por sua vez, disse que essa foi uma realidade muito cruel que assolou parte do país e que em 2022 estávamos colhendo os frutos dessa aprovação em massa e sem critério durante a pandemia e concluiu: “Colega A, infelizmente, a Prefeitura do Rio de Janeiro se preocupa com a terminalidade do aluno, não se preocupando com a emancipação e humanização desse sujeito”.

Em relação a temática da enturmação e aprovação em massa, a Cursista H perguntou a professora Ana Paula e aos demais colegas: “Eu gostaria de saber o pulo do gato para conseguir avançar os alunos que já sabem ler e estão na mesma turma que os alunos analfabetos (ponto de interrogação)”.

A professora e pesquisadora Karoline Ferreira informou à aluna H que a prefeitura disponibiliza as AVS organizadas trimestralmente e, a partir do calendário organizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, os professores se organizam para promoverem os alunos que conseguiram se destacar durante o trimestre, dando espaço para outros discentes entrarem na turma. Com a progressão correta desse aluno, as turmas ficam com uma dinâmica mais prazerosa, pois boa parte da turma consegue alcançar os objetivos propostos pela professora para o dia. Explicou ainda que a aprovação precoce desse aluno gera para ele um grande desconforto também porque o mesmo não se sente parte da turma.

A cursista B gentilmente pediu o momento de fala para confortar a cursista H, dizendo:

“Acalma o coração, pois mesmo com as AVS, a EJA continuará sendo uma turma muito heterogênea. Isso antes e pós-pandemia. A EJA é uma modalidade de ensino que garante ao aluno uma aprendizagem ao longo da vida, logo, garantido por lei e sem essa terminalidade que alguns estados querem impor.”

A aluna I reforçou o ponto de vista acima exposto, dizendo que “o problema da EJA está na precarização do sistema que não avança os alunos de acordo com os conhecimentos que possui. Precisamos discutir e dialogar para lutar por uma progressão funcional desses alunos.”

O quarto encontro foi uma roda de conversa focada na explicação da avaliação final do curso, no texto norteado da Magda Soares que estava na plataforma *Moodle*, as múltiplas facetas da alfabetização. Falamos um pouco também sobre o livro sugerido na qualificação pela Professora Márcia Tereza Fonseca de Almeida, denominado *Psicogênese da língua escrita*. Esse encontro foi recheado de assuntos importantes para a formação dos cursistas enquanto professores alfabetizadores e também precisou ser estendido para contemplar todos os assuntos a serem abordados.

Ao falar sobre alfabetização de jovens e adultos, alguns cursistas já possuíam a concepção de contextualizar os conteúdos ministrados para que os alunos consigam significar o que estão estudando, favorecendo o processo de aquisição da leitura e escrita.

A cursista B disse que já trabalhava seguindo a Psicogênese da Língua Escrita e que procura sempre iniciar como conteúdo primeiro a escrita do nome próprio do aluno, atrelado a sua origem e história contada pela família. Dessa forma o aluno cria memórias afetivas com o conteúdo e passa a ampliar o repertório do vocabulário, escrevendo os nomes próprios dos colegas da turma também.

“Para a alfabetização da EJA as atividades não precisam ser muito elaboradas, mas precisamos de atividades funcionais. A repetição do conteúdo faz com que o aluno consiga memorizar a proposta.” (Cursista B)

“Uma coisa que funciona muito para os alunos é trabalhar com textos fatiados e frases para colocar o espaço” (Cursista I)

Essas sugestões das cursistas B e I foram fundamentais para que os demais cursistas conseguissem entender modelos de atividades possíveis a serem feitos a partir da Psicogênese da língua escrita, já que muitos cursistas relataram ainda não ter lido o livro ou conhecer a teoria. Quando um professor partilha com o outro atividades simples e possíveis de serem feitas, todos ganham no processo de ensino-aprendizagem. A troca proporciona crescimento para os indivíduos envolvidos no processo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, refletimos sobre a importância de termos no mercado materiais elaborados exclusivamente para a Educação de Jovens e Adultos, e não adaptados por falta de tempo ou planejamento dos professores regentes dessa modalidade. No primeiro contato com os docentes inscritos no Curso de Extensão, percebemos o quanto esses profissionais precisam de formação continuada para aprimorarem suas práticas. Esse foi o comentário que apareceu com a maior frequência no nosso encontro síncrono.

Os professores estavam confortáveis por estarem inscritos em um curso de formação na modalidade à distância, gratuito e de qualidade. Em alguns momentos compartilharam sobre a dificuldade que enfrentam para aprimorarem suas práticas pedagógicas de maneira eficaz, contemplando a maioria dos alunos da classe. Inúmeras vezes relataram nos nossos encontros síncronos que a heterogeneidade da turma é um fator preocupante para garantir uma aula criativa e capaz de prender a atenção do nosso público-alvo.

No decorrer da pesquisa, pudemos observar que os professores alfabetizadores da EJA realmente fazem uso do material pedagógico para alfabetização pensado para as crianças do Ensino Regular, cuja faixa etária varia de 6 a 9 anos, idade totalmente divergente dos alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos. Ao longo do processo, fomos construindo novas trajetórias, elaborando práticas contextualizadas possíveis de serem ministradas nas escolas públicas do Brasil, respeitando a realidade local de cada estado, mas tentando superar obstáculos com o intuito de promover uma educação pública de qualidade para todos.

A partir do primeiro encontro síncrono, os professores alfabetizadores inscritos no curso demonstraram um grande interesse pelo tema pesquisado. Logo no início expressaram as dificuldades que enfrentam diariamente com as suas turmas e a falta de políticas públicas eficazes para conseguirem manter os alunos na escola até o final da sua escolarização. Muitos dos docentes afirmaram que antes de chegar ao 6º ano alguns alunos desistem. A partir dessa exposição feita por eles, apresentei a proposta de contextualizar as aulas e os materiais utilizados diariamente em sala com o intuito de despertar no discente interesse, curiosidade e vontade de permanecer na escola ao longo do seu período de escolarização.

Oficinas vivenciais focadas no mercado de trabalho, na saúde física e mental, alimentação saudável, práticas de atividades físicas semanais evitando o sedentarismo são

primordiais para trabalhar com a necessidade desse aluno e fazer com que ele se sinta realmente pertencente ao grupo no qual está inserido.

Os docentes falaram um pouco sobre as diversas realidades vividas diariamente e sobre o grupo que atendem. É notório que cada um enfrentará uma dificuldade diferente dos demais porque o público também é heterogêneo, a começar pela diferença etária que a EJA possui dentro da mesma sala de aula. Professores relataram sobre o público que atendem. Os cursistas possuem campos de atuação muito distintos dentro da mesma modalidade. Trabalham em presídio feminino, EJA do Campo, EJA no Centro Urbano, grupo somente com idosas, outros ainda formados pela maioria adolescente. Constatou-se então, a necessidade de criar um produto capaz de atender as demandas gerais do público atendido pelos cursistas.

Os conteúdos do Caderno Pedagógico foram elaborados de acordo com as necessidades que aparecem no Currículo mínimo para a EJA relacionado a turma de alfabetização. O diálogo prévio com os alunos aparece em cada início do tema escolhido no caderno permitindo assim a troca entre os pares em sala de aula, garantindo a interação e promovendo a socialização entre os educandos.

Para o Professor Miguel Arroyo (2005) a EJA necessita desenvolver uma prática pedagógica voltada para pluralidade cultural, já que é constituída por:

Diversidade de educandos: adolescentes, jovens, adultos em várias idades; diversidade de níveis de escolarização, de trajetórias escolares e, sobretudo de trajetórias humanas; diversidade de agentes e instituições que atuam na EJA; diversidade de métodos, didáticas e propostas educativas; diversidade de organização do trabalho, dos tempos e espaços; diversidade de intenções políticas, sociais e pedagógicas. Essa diversidade do trato da educação de jovens e adultos pode ser vista como uma herança negativa. Porém, pode ser vista também como riqueza (ARROYO, 2005, não paginado).

Logo, o trabalho desenvolvido com esses alunos precisa ser diferenciado e repleto de significados para todos os envolvidos no processo de aquisição de aprendizagem. Foi restaurador e gratificante trabalhar com essa temática essencial para os dias de hoje, quando nos deparamos com o fechamento de várias unidades escolares, deixando o aluno Jovem e Adulto sem poder usufruir dos seus direitos assegurados por lei. Ouvir a realidade de diferentes estados do Brasil foi um outro diferencial dessa pesquisa, pois com as rodas de conversa passamos a entender um pouco melhor como a EJA funciona pelo Brasil, quais são as políticas públicas que nós aqui do Rio de Janeiro ainda precisamos lutar para melhorar a vida dos nossos alunos que a cada dia tornam-se mais excluídos da nossa sociedade.

Caminhar ao longo dessa pesquisa com embasamento nas Leis e documentos que regem a Modalidade de Educação voltada para Jovens e Adultos foi um facilitador na escolha dos temas propostos no curso de extensão e na escolha das atividades que deram origem a um novo material de ensino, focado nos recursos tradicionais que já temos na escola Pública e com a implementação de recursos tecnológicos que tanto almejamos ao longo da nossa trajetória como docente e que hoje já é uma realidade nas escolas localizadas nas grandes cidades brasileiras.

A partir das leituras e do diálogo fez-se necessário usar a tecnologia a favor do ensino, despertando nesse aluno curiosidade, espírito de competição, liderança e curiosidade para descobrir algo novo. Nós, professores da Educação de Jovens e Adultos, precisamos agir como sujeitos transformadores na escola pública e, como tal, devemos preconizar a diminuição das injustiças e dos preconceitos ainda vivenciados no chão da escola pelo público-alvo dessa pesquisa.

Então, faz-se necessário que o professor, a partir das experiências adquiridas ao longo da vida, seja capaz de reorganizar a sua prática pedagógica e busque materiais contextualizados e compatíveis com a faixa etária dos alunos atendidos, garantindo uma relação coletiva de troca, rica em significados e prazerosa para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Ao final dessa pesquisa, pudemos compreender que trazer um ensino contextualizado englobando os saberes sistematizados e tecnológicos para os alunos da Educação de Jovens e adultos é importante e necessário. Importante, pois capacita o aluno a ler significando as palavras e entendendo o seu cotidiano e a sociedade em que vive, compreendendo a fundo o texto, o que é fundamental para uma alfabetização sólida. E necessário, já que, no mundo globalizado, o aluno não irá lidar apenas com textos escritos, mas com filmes, redes sociais e outros meios de comunicação que não utilizam somente um tipo de linguagem. Além disso, para desenvolver uma melhor relação do aluno com o conteúdo estudado, é necessário ter a preocupação de trazer materiais que se aproximem da realidade deles. Assim, o aluno da EJA, normalmente interessado apenas em ganhar um pouco mais no seu emprego ou arrumar de fato um emprego através do término dos seus estudos, poderá se ver em planos diversos, como ingressar em uma faculdade, por exemplo. Faz-se necessário reconhecer que o papel do professor é fundamental nesse processo educativo e para tanto necessita de uma constante capacitação para exercer com maestria o seu papel.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Anderson José Lisboa. **Alunos da EJA em escola com tradição de excelência: uma análise do PROEJA no Colégio Pedro II**. 168f. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós Graduação- Mestrado em Educação, Niterói,2014.

BARROS, R. **Revisitando Knowles e Freire: Andragogia versus pedagogia, ou O dialógico como essência da mediação sociopedagógica**. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e173244.pdf>, acessado 03/12/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **BNCC – Base Nacional Comum Curricular –Bases legais,2017**. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc#>>acesso em junho de 2020.

BRASIL.Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9.394/1996**. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> > acesso em junho de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação.**Programa Brasil Alfabetizado, PBA. 6.093/2007**.

BRASIL. **Constituição Federal da República do Brasil de 1988**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em 3 de Julho de 2021.

BRASIL. **Decreto N.º 2.208 de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm . Acesso em 16 de Julho de 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 2.406 de 27 de novembro de 1997**. Regulamenta a Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994, e dá outras providências. Disponível em:< <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109883/decreto-2406-97>> Acesso em 16 de Julho de 2020.

BRASIL. **Decreto N.º 5.154 de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm> Acesso em 21 de Agosto de 2020.

BRASIL. **Lei n.º 11.741 de 16 de Julho de 2008**. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm> Acesso em: 10 de Maio de 2021.

BRASIL. **Lei n.º 12.796 de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm> Acesso em 12 de novembro de 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB n.º 11 de 10 maio de 2000.** Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adulto. Disponível em: . Acesso em 13 de junho de 2021.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB n.º 6 de 9 de Junho de 2010.** Reexame do Parecer CNE/CEB n.º 23/2008, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992> Acesso em: 17 de maio de 2021. B

COTRIM,G & PARISI,M. **Fundamentos da Educação.** São Paulo:Saraiva,1985.

COSTA, Antônio Cláudio Moreira. Educação de jovens e adultos no Brasil: novos programas, velhos problemas. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional.** v.4, n.8, p. 64-82, 2009.

DRAGO, Vanessa de Souza Rosado. **O texto e seu contexto: A intervenção do professor na produção escrita dos alunos do Ensino Fundamental I.**2017. Dissertação (Mestrado). – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Práticas de Educação Básica. Rio de Janeiro, 2017.

DOLZ, J.;NOVERRAZ,M.;SCHNEUWLY,B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita. Apresentação de um procedimento.** In: SCHNEUWLY,B e DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRO, Emília. **Processos de aquisição da língua escrita no contexto escolar.** Lectura y Vida. Jun.1983, v4, nº2,p.11-18.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana . **Psicogênese da língua escrita.** Tradução Diana Myriam, Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed,1986 a.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise de Discurso.** São Paulo: Contexto, 1989.

FRANCISCO, Marinalva Dias Correia. **Ensinar a ler e a escrever na EJA: proposta de planejamento de atividades de ensino do sistema alfabético utilizando nomes próprios e diferentes gêneros textuais.**1ed. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2017.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo.**Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo.**Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.**5ed. São Paulo: Atlas,2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUEDES, Ivan. **Sequência didática_ como fazer uma sequência didática passo a passo.** Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=7xYZoKz5aVo>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva Leite (org.) **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos: EJA.** 1. ed. São Paulo, Cortez, 2014.

LEMOS, Amanda Guerra. **O desafio de alfabetizar Jovens e adultos – as relações entre teoria e prática.** Monografia de Conclusão de Curso de Especialização- Curso de

Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica- EJA- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

MARKOVA, Dawana. **O natural é ser inteligente**. São Paulo: Summus, 2000.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **O texto na alfabetização: coesão e coerência**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MIRANDA, Simão de. **O Lúdico na Educação** – Simão de Miranda – Canal E. Disponível em: <https://youtu.be/xIXT8CLUYrI>. Acesso em: 3 de ago. 2020. In: **Em dia com a educação**. Brasília, 2004.

MIRANDA, Simão de. **A ludicidade como estratégia didática favorecedora de aprendizagens significativas e criativas**. In: SÁ, Antônio Villar Marques de et al. (Org). **Ludicidade: desafios e perspectivas em educação**. São Paulo: Paco, 2016.

MORAN, J. **Metodologias ativas e modelos híbridos na educação**. In: YAEGASHI, Solange et alii (org.). **Novas tecnologias digitais: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017, p. 23-35.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. ALMEIDA, M. C. et alii (org.) 4. ed. São Paulo, Cortez, 2007.

MOURA, E; ROJO, R. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

OLIVEIRA, M.K.de.Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo:Scipione,1993.

ORLANDI, EniP. **Análise de Discurso:Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

Dicionário Oxford languages on line. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=significado+de+alfabetiza%C3%A7%C3%A3o&oq=significado+de+alfabeti&aqs=chrome.0.0i512l2j69i57j0i512l2j0i22i30i5.9516j1j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8#dobs=letramento> Acesso em 20 de Novembro de 2020.

RAMOS, Jânia M.**O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIO DE JANEIRO. **Educação de Jovens e Adultos. Gerência de Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: <https://rio.rj.gov.br/web/sme/eja>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

RIO DE JANEIRO. **Orientações Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos: Áreas específicas**. Rio de Janeiro,2010. Disponível em:<<http://200.141.78.79/destatic/10112/2565802/DLFE240907.pdf/LinguaPortuguesaPEJAIePEJAIi.pdf> > Acesso em: 23 de setembro de 2020.

ROJO, R. H.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos; escola e inclusão social**. São Paulo:Parábola editorial,2009.

- ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. Roxane Rojo e Eduardo Moura (orgs.), São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SANTOS, Márcia Aparecida. **As abordagens dos Profissionais da EJA**. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- FAGED/UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- SILVA, Jaqueline Luzia da. **Letramento e alfabetização na Educação de Jovens e adultos: trocando ideias e revendo conceitos**. Grau zero revista de crítica cultural, v.16, n.2,2018.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2017.
- SOARES, Magda. **Letramento: um Tema em três gêneros**. 2^a Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- SOARES, M. B. In: **Letrar é mais que alfabetizar**. Jornal do Brasil: nov. 2000.
- SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 18. ed., 1^a reimpressão. São Paulo, Contexto, 2020.
- SOUZA, S. **Estudos dos Gêneros textuais: A Tradição em Diferentes Perspectivas**. Alumni – revista Discente da UNIABEU, v.2. n^o 4 agosto-dezembro de 2014. p. 92-100.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora, 1985.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WERNECK, Regina. **Isso e aquilo – a formação do professor**. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **A formação da professora alfabetizadora**. São Paulo: Cortez, 1998
- YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.
- ZABALA, Antônio. **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Ernani F. da Rosa – Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA O PARTICIPANTE

Caro (a) professor(a),

Sou, atualmente, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Estou realizando uma pesquisa, sob a orientação do Prof^a Dr^o Jorge Luiz Marques de Moraes, em que analiso a Alfabetização de Jovens e Adultos. Como produto dessa investigação será elaborado um Curso de Extensão para Professores da Educação de Jovens e Adultos que contará com a sua contribuição e experiência.

Para continuar o estudo, gostaria de contar com a sua colaboração em responder ao questionário em anexo, que trará subsídios para uma investigação adequada.

Deixo claro que seu nome será mantido em sigilo e que as informações reveladas aqui serão usadas apenas para fins acadêmicos. Ressalto, também, seu direito de retirar-se da pesquisa em qualquer momento de seu andamento e que os resultados obtidos com a sua colaboração serão enviados ao seu endereço eletrônico assim que estiverem prontos.

Desde já agradeço sua disponibilidade e colaboração,

Prof.^a Karoline Guimarães Castro Ferreira

karolinecastrouerj@yahoo.com.br

QUESTIONÁRIO

Professor: _____

Escola de origem: _____

- 1) Como você se autodeclara?
 - a) Branco
 - b) índio
 - c) negro
 - d) pardo

- 2) Há quantos anos atua no magistério?
 - a) 5-10 anos
 - b) 10-15 anos
 - c) 15-20 anos
 - d) 20-25 anos

- 3) Há quantos anos atua diretamente como DOCENTE na EJA?

- a) 5-8
- b) 8-11
- c) 11-14
- d) 14-17

4__ Qual foi a sua graduação?

- a) Pedagogia
- b) Letras
- c) Geografia
- d) Ciências
- e) Outro: _____

5__ Quantas horas semanais você tem para planejar as suas aulas na escola?

- a) 1 h por semana
- b) 2 hs por semana
- c) 4 hs por semana
- d) Não tenho tempo de planejamento na escola.

5__ A sua escola de origem possui formação voltada para o nosso público-alvo?

- a) Sim, semanalmente.
- b) Sim, quinzenalmente.
- c) Sim, mensalmente.
- d) Não.

6__ A sua escola possui recursos tecnológicos acessíveis capazes de contribuir positivamente com as suas aulas?

- a) Minha escola possui internet e equipamentos de qualidade para uso pedagógico.
- b) Minha escola possui internet, mas não possui recursos tecnológicos para uso pedagógico tais como notebook e projetor.
- c) A internet da minha escola é restrita ao uso da direção e secretaria sendo apenas para assuntos burocráticos.
- d) Na minha escola não há internet nem recursos tecnológicos.

7__ Qual é o maior obstáculo extra pedagógico enfrentado por você diariamente na EJA?

- a) Indisciplina.
- b) Alunos muito faltosos.
- c) Muitos alunos especiais por turma sem profissional de apoio.
- d) Falta de recursos pedagógicos.

8__ Você gostaria de participar de um curso de formação continuada?

- a) Sim.
- b) Não,
- c) Talvez, desde que seja online.
- d) Talvez, desde que seja no horário de planejamento.

9__ Escreva um breve relato sobre sua turma atual mencionando seus desafios diários no processo de alfabetização dos alunos da EJA.

APÊNDICE B RODA DE CONVERSA

Caro (a) Professor (a),

Sou, atualmente, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Estou realizando uma pesquisa, sob a orientação do Prof.^a Dr.^o Jorge Luiz Marques de Moraes, em que analiso a Alfabetização de Jovens e Adultos. Como produto dessa investigação será elaborado um Curso de Extensão para Professores da EJA que contará com a sua participação.

Para continuar o estudo, gostaria de contar com a sua colaboração participando dessa entrevista individual, que trará subsídios para uma investigação adequada.

Deixo claro que seu nome será mantido em sigilo e que as informações reveladas aqui serão usadas apenas para fins acadêmicos. Ressalto, também, seu direito de retirar-se da pesquisa em qualquer momento de seu andamento e que os resultados obtidos com a sua colaboração serão enviados ao seu endereço eletrônico assim que estiverem prontos.

Desde já agradeço sua disponibilidade e colaboração,

Prof.^a Karoline Guimarães Castro Ferreira

karolinecastrouerj@yahoo.com.br

Roteiro de perguntas

- 1) Você já fez algum curso de formação voltado para EJA?
 - 2) Qual foi a sua maior motivação para escolher uma graduação em Licenciatura?
 - 3) Quais são as maiores dificuldades enfrentadas hoje para conseguir estudar e aperfeiçoar a sua prática pedagógica?
 - 4) Como você acha que o professor pode contribuir como mediador na trajetória escolar do aluno?
 - 5) O que você espera da escola?
-

APÊNDICE C TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPH



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE IDADE

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada SIGNIFICAR PARA CONQUISTA: DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, realizada no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II e que diz respeito a um (a) dissertação de mestrado.

1. OBJETIVO: O objetivo do estudo é identificar como os recursos didáticos construídos a partir de uma abordagem sociocultural podem contribuir para o processo de alfabetização de Jovens e Adultos.

2. PROCEDIMENTOS: a sua participação consistirá em: responder ao questionário, participar ativamente do Curso de Extensão e conceder entrevistas individuais. O questionário será compartilhado através da ferramenta do *google (google forms)* com todos os participantes, a entrevista será realizada individualmente com cada professor participante pela plataforma de vídeo conferência *ZOOM* e o Curso de Extensão será desenvolvido com o apoio do Colégio Pedro II. Os registros serão feitos através da gravação das entrevistas pelo *ZOOM*, print da tela dos encontros síncronos fotografando os participantes do curso, print dos comentários realizados nos Fóruns de Discussão da Plataforma *MOODLE*.

3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS: Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como baixo, isto é, o participante pode se sentir constrangido ou inibido com as perguntas. Pode apresentar desconforto e a natureza da questão pode acarretar algum tipo de abalo emocional. Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de não responder as perguntas do questionário e ou da entrevista. Além disso, para diminuir a possível

ansiedade entre os participantes da pesquisa, a pesquisadora irá providenciar o envio das perguntas da entrevista previamente através da ferramenta de comunicação midiática *whatsApp*. Com isso, pretende-se que eles preparem o seu psicológico para responderem com tranquilidade as perguntas propostas. A entrevista será gravada e utilizada somente na pesquisa. Como as perguntas serão enviadas previamente para os professores, no dia da entrevista o pesquisador irá focar somente no que foi combinado anteriormente, sem ser invasivo ou causar um desconforto para os entrevistados. Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: para os participantes será oferecido um Curso de Extensão voltado para os professores da EJA, com o objetivo de refletir sobre as demandas estruturais, sociais e culturais desse público alvo; para a comunidade envolvida: a elaboração de uma sequência didática com materiais pedagógicos contextualizados de acordo com a necessidade dos alunos da EJA e para a sociedade será um legado de comprometimento com a classe popular pautado em um ensino de qualidade, respeito e ética.

4. GARANTIA DE SIGILO: os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

5. LIBERDADE DE RECUSA: a sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelo seu *e-mail* cadastrado na inscrição do Curso de Extensão e a outra ficará com a pesquisadora. Para assinar o termo o(a) participante poderá utilizar o recurso da assinatura digital, bem como imprimir o documento, assinar manualmente, escanear ou fotografar e reenviar via *e-mail* para pesquisadora. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pela pesquisadora. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso a pesquisadora Karoline Guimarães Castro Ferreira pelo telefone (21) 96998-4417 ou pelo e-mail: karolinecastrouerj@yahoo.com.br. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio

da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: cep@cp2.g12.br

CONSENTIMENTO

Eu, _____ li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante	Data: ___/___/___
-------------------------------	-------------------

Eu, Karoline Guimarães Castro Ferreira obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: ___/___/___
---------------------------------	-------------------

APÊNDICE D TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPII



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título da Pesquisa: Significar para conquistar: desafios da Alfabetização de Jovens e Adultos.

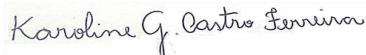
Pesquisador(a) responsável: Karoline Guimarães Castro Ferreira

Instituição/Departamento: Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II

Telefone: (21)96998-4417

Local da coleta de dados: Curso de Extensão a distância com apoio do Colégio Pedro II

O(a) pesquisador(a) responsável pelo projeto de pesquisa acima referido se compromete a preservar a privacidade dos participantes, cujos dados serão coletados por meio de questionário e entrevista no(a) Plataforma *MOODLE* do Colégio Pedro II e pela ferramenta *Whatsapp*. O(a) pesquisador(a) declara que as informações provenientes da pesquisa serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas sob a posse e guarda do(a) pesquisador(a) responsável pelo projeto por um período mínimo de 5 anos. Após este período, os dados serão destruídos.

Karoline Guimarães Castro Ferreira Nome do(a) pesquisador(a) responsável	 Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: 24/09/2021
--	---	------------------

APÊNDICE E CARTA DE APRESENTAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, Karoline Guimarães Castro Ferreira, CPF 106.235.857-07, sou professora regente da EJA na Escola Municipal Francisco de Castro, da rede pública da cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (matrícula 2725034) , Professora de Apoio Especializado na EJA do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas, da rede pública da cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro(matrícula 22382) e sou aluna do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II (matrícula M08501562). Meu projeto SIGNIFICAR PARA CONQUISTAR:DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS pretende identificar como os recursos didáticos construídos a partir da abordagem sociocultural podem contribuir para o processo de alfabetização de Jovens e Adultos, a partir do viés da contextualização. O projeto será desenvolvido pela plataforma virtual do Colégio Pedro II(*MOODLE*) através do Curso de Extensão, os encontros síncronos e entrevistas serão ministrados pelo *ZOOM* e os questionários compartilhados pela ferramenta do *google, google forms* para fins de geração de dados. Para realizar tal projeto, é necessária a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II, por isso, submeto esta carta à Plataforma Brasil.

Karoline G. Castro Ferreira

Assinatura do(a) pesquisador(a).

Data: 23/09/21

APÊNDICE F MODELOS DE ATIVIDADES

Modelos de exercícios utilizados na EJA no Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas. (Município de São Gonçalo, Rio de Janeiro)









ESCOLA: _____

NOME: _____

DATA: _____

Complete as palavras com as sílabas abaixo:

DA	MA	JA	FA
CA	BO	LU	GA


 ____LO	 ____DO
 ____SA	 ____TO
 ____DA	 ____CACO
 ____CARÉ	 ____A

www.todamateria.com.br

Fonte: site toda matéria .com.br Utilizado na aula de Língua Portuguesa da turma 106, turno da noite.

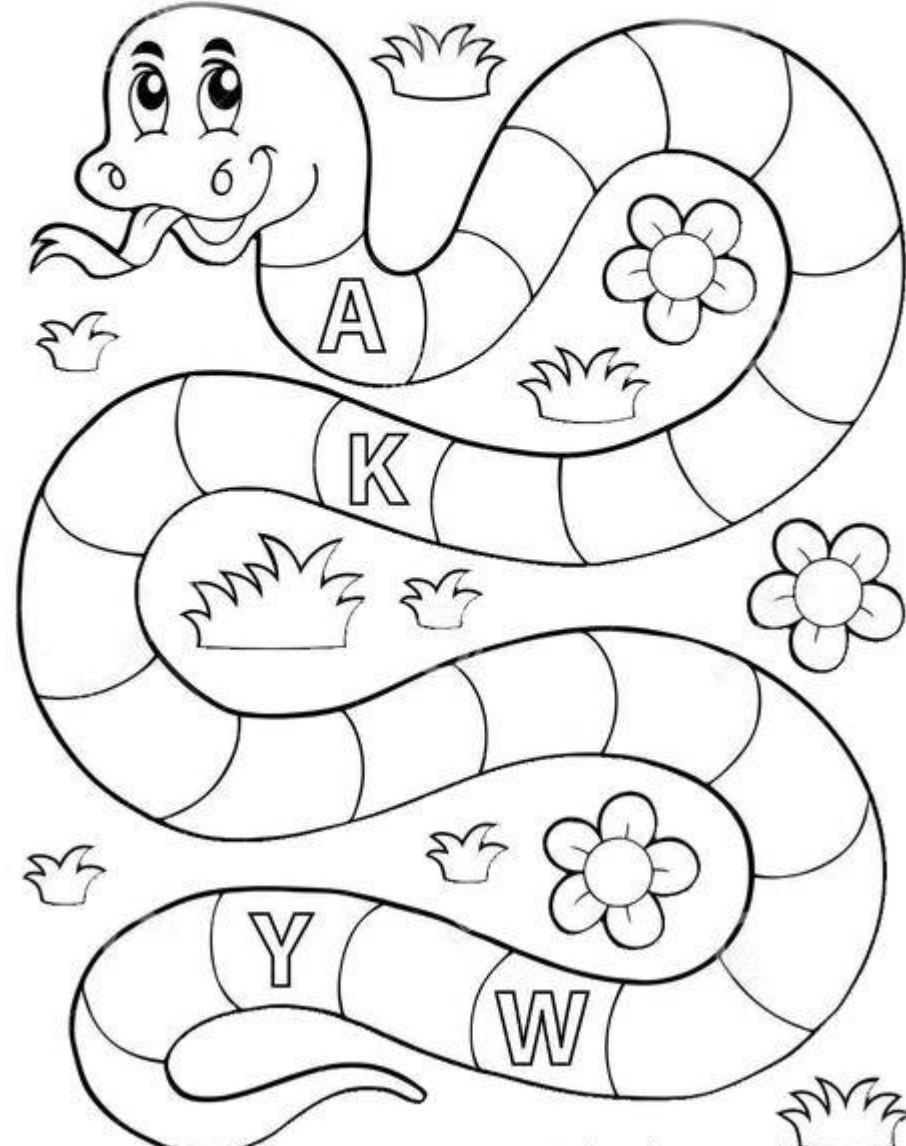
Exercício utilizado para trabalhar sequência das letras do alfabeto na turma 106 do Colégio Municipal Irene Barbosa Ornelas

ESCOLA: _____
ALUNO(A): _____
DATA: ___ / ___ / ___ TURMA: _____



ALFABETO

1- COMPLETE A SEQUÊNCIA DO ALFABETO NA COBRA.



www.artedeensinareaprender.com

Modelos de atividades retiradas do Caderno Pedagógico “ Da EJA pra vida”(Produto Educacional)

16

Tema: A Origem do Nome

- Objetivos:**
- Reconhecer a história do seu próprio nome;
 - Identificar as letras presentes no primeiro nome, sobrenome;
 - Listar os nomes dos colegas da classe e família;
 - Distinguir os diferentes tipos de documentos de identificação:

- Saberes iniciais:**
- Língua Portuguesa: letras e palavras;
 - Matemática: quantidade de letra;
 - Tratamento da informação: uso de equipamentos eletrônicos e ambientes virtuais.

- Tempo estimado:**
- 6 (seis) aulas

Procedimentos Metodológicos

1ª etapa: assistir ao vídeo do YouTube Descubra a origem de nomes brasileiros- de A a Zuca. O vídeo poderá ser projetado para turma inteira caso haja recurso tecnológico destinado a essa finalidade ou cada aluno poderá assistir no seu próprio celular.

2ª etapa: grafar o primeiro nome de todos os alunos da turma e fazer a identificação das letras e sua contagem. Como tarefa domiciliar sugerir uma pesquisa na internet ou com a família sobre o significado e origem do nome; anotar as informações coletadas no caderno.

3ª etapa: iniciar com uma roda de conversa com a sala organizada em um grande círculo; cada aluno irá contar para o grupo sobre a pesquisa feita em casa. Os alunos que tiverem imprevistos para realizarem essa tarefa poderão fazer em sala utilizando os recursos tecnológicos da própria escola.

4ª etapa: fazer uma lista de nomes dos colegas da classe no caderno, diferenciando vogais de consoantes; fazer a contagem dessas letras e grafar o número correspondente ao total de letras; organizar gráficos com nomes com um maior quantitativo de letras e menor.

17

5ª etapa: diferenciar documentos de identificação tais como: Certidão de Nascimento, Registro Geral (RG) , carteira de trabalho e passaporte.

Recursos necessários: Datashow, notebook, caixa de som, internet, celular, quadro, pilot, caderno, caneta, tinta guache preta e folha com o modelo do RG para ser preenchido pelos alunos.

Avaliação: A avaliação ocorrerá durante todo o processo, tomando como referência principalmente o cumprimento, a participação nas tarefas e as dinâmicas propostas. A partir do envolvimento, do cumprimento das tarefas, da resolução das questões e do levantamento de dados, será possível identificar pontos que representam a ampliação dos conhecimentos, assim como as habilidades matemáticas e da escrita.

Atividade 1

Preencha os documentos abaixo utilizando seus dados.

Registro Geral - RG

The image shows two blank forms for a Brazilian Identity Card (RG) from the State of Espírito Santo. The top form is the 'Carteira de Identidade' and the bottom form is the 'Registro Geral'.

Form 1: Carteira de Identidade

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL
SPTC / DEPARTAMENTO DE IDENTIFICAÇÃO

ASSINATURA DO TITULAR

CARTEIRA DE IDENTIDADE

Form 2: Registro Geral

VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

REGISTRO GERAL

NOME

FILIAÇÃO

NATURALIDADE

DOC. ORIGEM

CPF


DATA DE EXPEDIÇÃO

DATA DE NASCIMENTO

ASSINATURA DO DIRETOR

LEI Nº 7.116 DE 29/08/88

Certidão de Nascimento



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

NOME

CPF _____

MATRÍCULA
9999999999 9999 9 9999 999 99999999 99

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO _____ DIA _____ MÊS _____ ANO _____

HORA DE NASCIMENTO _____ NATURALIDADE _____

MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO _____ LOCAL, MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UF _____ SEXO _____

FILIAÇÃO _____

AVÓS _____

GÊMEOS NOME E MATRÍCULA DOS GÊMEOS _____

DATA DO REGISTRO POR EXTENSO _____ NÚMERO DA DMV DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO _____

AVERBAÇÕES/NOTAÇÕES A ACRESCEER _____

ANOTAÇÕES DE CADASTRO

TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	DATA EMISSÃO	ORGÃO EMISSOR	DATA DE VALIDADE
RG				
CPF				
Passaporte				
Cartão Nacional de Saúde				

TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	LOCALIDADE	MUNICÍPIO	UF
Título de Eleitor				

CPF Residual _____ Orgão Registrador _____

* As associações de cadastro não são dispensadas a partir interessada da apresentação do documento original, quando exigido pelo órgão emissor no quadro necessário para identificação de seu portador.

NOME DO OFÍCIO _____
 OFICIAL REGISTRADOR _____
 MUNICÍPIO _____
 ENDEREÇO _____
 TELEFONE _____
 E-MAIL _____

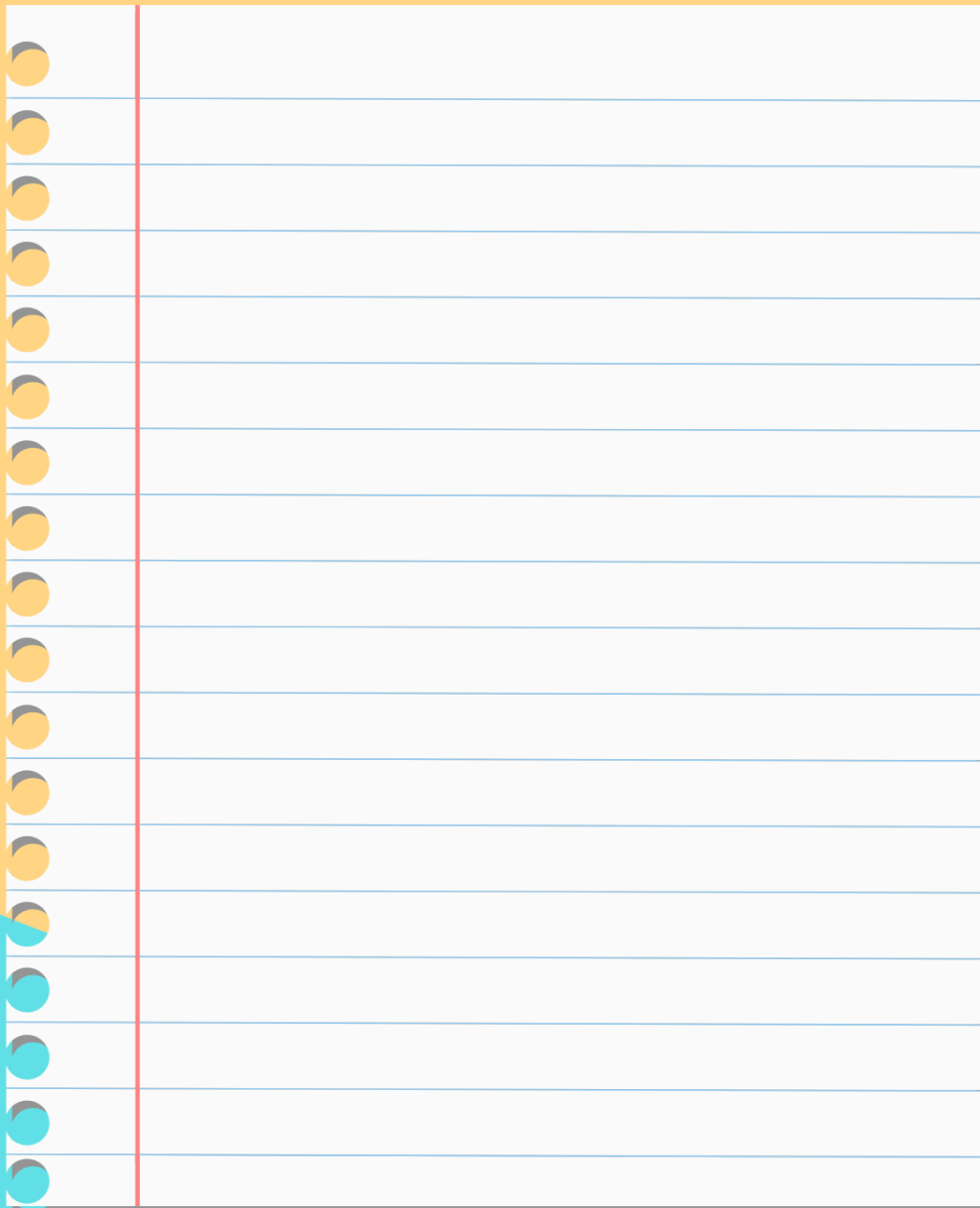
O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
 Data e Local: _____

Assinatura do Oficial

Atividade 2

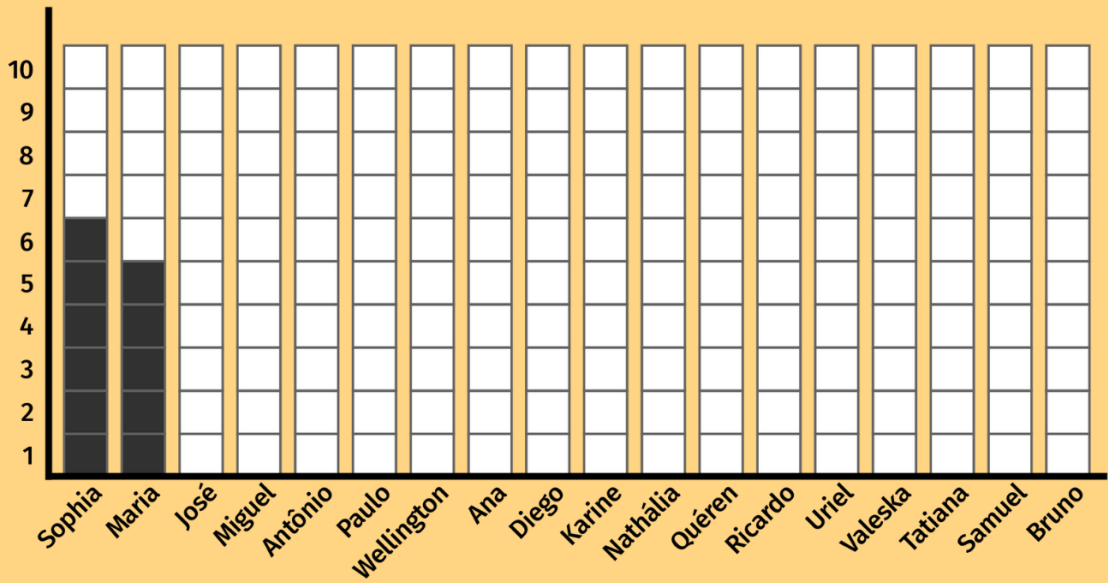
19

Pesquise sobre o seu nome. Converse com seus pais, sobre a escolha do seu nome. Pesquise na Internet sobre o significado do seu nome. Escreva no seu caderno as anotações feitas a partir da entrevista realizada com a sua família ou pesquisa feita na internet.

A blank, lined notebook page with a spiral binding on the left side. The page is white with light blue horizontal lines. A vertical red line is drawn near the left edge, creating a margin. The spiral binding is shown as a series of yellow and grey circles on the left side. The page is set against a yellow background with a teal shape at the bottom left corner.

Atividade 3

a) Pinte os blocos no gráfico abaixo de acordo com a quantidade de letras de cada nome, conforme os exemplos dos nomes Sophia e Maria.



b) Coloque os nomes que apareceram na questão anterior em ordem alfabética.

Two horizontal lines for writing the names in alphabetical order.

Tema: Palavra geradora BELEZA

- Objetivos:**
- Ampliar o vocabulário dos alunos a partir da palavra geradora BELEZA.
 - Promover momentos de leitura e escrita de outras palavras e algumas frases.
- Saberes essenciais:**
- Língua Portuguesa: letras b, l, z e suas variações, letra inicial e letra final das palavras;
 - Matemática: quantidade de letras e sílabas.
- Tempo estimado:**
- 3 (três) aulas

Procedimentos Metodológicos

1ª etapa: apresentar as sílabas que formam a palavra BELEZA. Definir a palavra seguindo o conceito explícito no dicionário.

2ª etapa: escrever no quadro outras palavras que utilizam as mesmas sílabas na sua formação; fazer a leitura coletiva das novas sílabas; desenvolver as atividades propostas neste caderno.

Recursos necessários: Folha A4 xerografada com as atividades, revistas, fotos, pinturas, imagens, pilot, quadro e caderno.

Avaliação: O aluno deverá concluir a atividade proposta para a aula com autonomia partindo da palavra geradora BELEZA que faz parte do vocabulário do nosso público alvo.

Atividade 1

55

BELEZA

BA	BE	BI	BO	BU	BÃO
LA	LE	LI	LO	LU	LÃO
ZA	ZE	ZI	ZO	ZU	ZÃO

1) Forme cinco palavras com as sílabas acima.

2) Encontre as palavras abaixo no caça-palavras

BELA**ZELO****ZUZU****LOBA****BELEZA**

N	Y	P	Z	E	L	O
U	G	B	C	Z	B	L
P	H	L	O	B	A	Z
O	B	E	L	A	X	U
E	Z	C	M	R	T	Z
J	M	Z	G	Z	D	U
P	B	E	L	E	Z	A



3) Separe as sílabas das palavras abaixo e conte a quantidade de letras.

BATOM _____ - letras

LÁPIS _____ - letras

SOMBRA _____ - letras

ESPELHO _____ - letras

MAQUIAGEM _____ - letras

4) Ordene a frase abaixo conforme a sua numeração.

1	6	2	4	3	5
TODA	INTERIOR	MULHER	UMA	TEM	BELEZA

_____ !



Tema: **Jogo da memória**

Objetivos:

- Associar as imagens relacionadas a construção civil (obra) aos seus respectivos nomes.

Saberes essenciais:

- Língua Portuguesa: escrita das palavras

Tempo estimado:

- 2 (duas) aulas

Procedimentos Metodológicos

1ª etapa: listar as palavras que aparecem no Jogo da Memória no caderno.

2ª etapa: jogar o jogo da memória online e em dupla.

Recursos necessários: Notebook, datashow, internet, folhas xerografadas de atividades

Avaliação: Os participantes que acertarem o maior número de pares (palavras/figuras) serão recompensados.

Atividade 1



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado para acessar o Jogo da Memória dessa atividade.

APÊNDICE G LISTA DE SIGLAS

PEJA – Programa da Educação de Jovens e Adultos

EJA -- Educação de Jovens e Adultos

CEB – Câmara de Educação Básica

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

CM – Colégio Municipal

EEM – Escola Especial Municipal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

CAAE – Certificado de Apresentação de Apreciação ética

ANEXO A PARECER PLATAFORMA BRASIL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SIGNIFICAR PARA CONQUISTAR:DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Pesquisador: Karoline Guimarães Castro Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52166421.2.0000.9047

Instituição Proponente: Colégio Pedro II

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.044.565

Apresentação do Projeto:

Título: SIGNIFICAR PARA CONQUISTAR:DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Pesquisador: Karoline Guimarães Castro Ferreira

CAAE: 52166421.2.0000.9047

As informações colocadas nos campos denominados "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento intitulado "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1829061%20(1).pdf" (submetido na Plataforma Brasil em 28/09/2021).

INTRODUÇÃO:

Este trabalho está inserido na temática da Alfabetização de Jovens e Adultos, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96). O artigo 37 dessa Lei diz que EJA é uma modalidade de Ensino ofertada para Jovens e Adultos que não tiveram a oportunidade de concluir os diferentes níveis da Educação Básica na idade regular. Os sistemas de ensino têm que assegurar gratuitamente o ensino a esta clientela, considerando suas características, seus interesses, condições de vida, mediante cursos e exames cabendo ao Poder Público viabilizar e estimular o acesso e a permanência do trabalhador na escola. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96) no Título III, artigo 4 _ O dever do Estado com a Educação pública será

Endereço: Campo de São Cristóvão 177

Bairro: São Cristóvão

CEP: 20.921-903

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2163-5730

E-mail: cep@cp2.g12.br